



Lançamento da Casa S. Roque – Centro de Arte

Contributos para a Gestão da Coleção Peter Meeker

Ana Rita Alves

Relatório de Estágio para obtenção do grau de Mestre em Estudos Artísticos – Estudos
Museológicos e Curadoriais

Orientadora: Professora Doutora Lúcia Almeida Matos

Porto, 2019

Para a minha família, em especial aos meus pais

“In a world of objects, different people will take different things into their hearts and minds, and so objects cross the threshold from the outsider to the inwardness of collection”

- Susan Pearce



Figura 1- Augusto Alves da Silva, Prova de Contacto, 1987. Col. Peter Meeker

Agradecimentos

À Professora Doutora Lúcia Almeida Matos pela orientação, motivação e conhecimentos transmitidos.

À Professora Doutora Adelaide Duarte, pela ajuda teórica e palavras de motivação.

Aos meus antigos Professores, Susana Lopes e Xai, por toda a ajuda e apoio que sempre me prestaram ao longo do Mestrado.

Ao colecionador Pedro Álvares Ribeiro pela oportunidade de estudar a sua coleção.

À Leonor Leite, pela generosidade, carinho, amizade e por me ensinar a crescer ao nível pessoal e profissional.

Aos meus pais por todo o apoio incondicional e por me ajudarem neste percurso.

À minha família por me incentivar a realizar os meus sonhos.

À Carla, a minha prima e madrinha, um agradecimento muito especial, pela paciência, ajuda, incentivo e por me ouvir sempre que precisei de apoio.

Ao Tiago, por ser o meu pilar e por me ensinar a acreditar que sou capaz de alcançar todos os meus objetivos.

Às colegas de mestrado, por terem sido as melhores companheiras deste percurso.

Aos meus amigos, por estarem sempre presentes e pelo apoio.

Resumo

Este documento apresenta o trabalho realizado num percurso de meio ano de Estágio na Casa S. Roque – Centro de Arte. Expõe as tarefas realizadas neste local, com o intuito de responder às necessidades da instituição para a sua abertura em outubro de 2019, assim como da gestão da coleção de arte contemporânea Peter Meeker que integra a programação deste projeto.

O relatório encontra-se dividido em cinco partes, sendo a primeira a Introdução que apresenta a instituição e as tarefas que foram realizadas nos seis meses; a segunda, um estudo teórico sobre o perfil do Centro de Arte e da Coleção Peter Meeker; a terceira parte foca-se na tarefa principal do estágio, a inventariação da componente estrangeira da coleção e contém duas propostas implementadas para o seu melhoramento; a quarta, pretende explicar a definição de práticas para a gestão da coleção incorporadas nas necessidades desta instituição; por fim é relatada a apresentação do ciclo de conversas no MNAC com a participação do colecionador Pedro Álvares Ribeiro e do artista José Pedro Croft. Este documento contém ainda na sua conclusão as dificuldades encontradas, os conhecimentos obtidos, as tarefas não executadas e uma breve reflexão pessoal. Apresenta, em anexo, uma entrevista ao colecionador de Arte Contemporânea Pedro Álvares Ribeiro e material auxiliar ao relatório.

Palavras – Chave: Arte Contemporânea, Coleção Peter Meeker, Inventário, Preservação da Coleção, Gestão da Coleção, Casa S. Roque – Centro de Arte.

Abstract

This document presents the work produced throughout a half-year course of internship at Casa S. Roque – Art Centre. It reveals the tasks carried out in this place in order to prepare for the inauguration that it is scheduled to happen in October 2019, as well as the management of Peter Meeker’s contemporary art collection that integrates the project’s programming.

The report is divided into five parts: the first one presents the institution and the tasks that were carried out in a six-month internship; the second one it is a theoretical study about Peter Meeker Collection and Art Center; the third part focuses on the main task of this internship, the inventory of the foreign component of the collection and contains two proposals that were implemented for its improvement; the fourth, intends to explain the definition of practices for the collection management minding the institution needs; the fifth and final one regards the presentation of the series of talks at MNAC with the participation of the collector Pedro Álvares Ribeiro and the artist José Pedro Croft. This document also contains, in its conclusion, the difficulties, not performed tasks, the expertise obtained and a brief personal reflection. It also presents, attached, an interview with the collector of contemporary art Pedro Álvares Ribeiro and also some complementary documents to the report.

Key-words: Contemporary Art, Peter Meeker Collection, Inventory, Collection Preservation, Collection Management, Casa S. Roque – Art Centre.

Lista de Abreviações

AT – Áustria

Dr. / Dr.^a - Doutor / Doutora

Col. – Coleção

CME – Câmara Municipal de Elvas

CMP – Câmara Municipal do Porto

CSR – Casa S. Roque

DE – Alemanha

ES – Espanha

Fig. - Figura

PL – Polónia

PM – Peter Meeker

PT – Portugal

MACE – Museu de Arte Contemporânea de Elvas

MNAC – MC – Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado

MZ – Moçambique

Nº - Número

SJM – São João da Madeira

UK – Reino Unido

USA – Estados Unidos da América

Índice de Figuras

<i>Figura 1- Augusto Alves da Silva, Prova de Contacto, 1987. Col. Peter Meeker.....</i>	<i>v</i>
<i>Figura 2- Vista exterior da Casa S. Roque - Centro de Arte.....</i>	<i>2</i>
<i>Figura 3 - Vista da principal sala expositiva (ainda em obras) da Casa S. Roque – Centro de Arte.....</i>	<i>3</i>
<i>Figura 4 – Escritório de trabalho onde foi desenvolvido o Estágio</i>	<i>3</i>
<i>Figura 5 - Vista do jardim com o Mirante projetado pelo paisagista Jacinto de Matos</i>	<i>4</i>
<i>Figura 6 - Parque de S. Roque: vista do labirinto de sebes</i>	<i>4</i>
<i>Figura 7 - Paulo Nozolino - Fim (Série “Macau”), 1999. Col. Peter Meeker</i>	<i>14</i>
<i>Figura 8 - Robert Mapplethorpe - Ken Moody, 1984. Col. Peter Meeker</i>	<i>14</i>
<i>Figura 9 - Rui Chafes - Deine Stimme, 1997. Col. Peter Meeker</i>	<i>15</i>
<i>Figura 10 - José Pedro Croft – Sem título, 2013. Col. Peter Meeker</i>	<i>16</i>
<i>Figura 11 - Pedro Cabrita Reis – Casa no Céu, 1989. Col. Peter Meeker.....</i>	<i>16</i>
<i>Figura 12 - Miroslaw Balka - Lebensraum 2003. Col. Peter Meeker.....</i>	<i>17</i>
<i>Figura 13 - Ana Jotta – A Master’s View. 2006. Col. Peter Meeker.....</i>	<i>18</i>
<i>Figura 14 – Exemplo da Base de Dados com informações dos artistas estrangeiros – Col. Peter Meeker.....</i>	<i>28</i>
<i>Figura 15 – Obra de William Wegman - Processo de inventariação.....</i>	<i>30</i>
<i>Figura 16 – Obra de Miroslaw Balka – Processo de inventariação.....</i>	<i>30</i>
<i>Figura 17 – Obra de Robert Mapplethorpe – Processo de inventariação: exemplo de etiqueta com as informações da obra e verificação do estado de conservação da moldura que apresentava vestígios de humidade</i>	<i>31</i>
<i>Figura 18 – Obra de Wilhelm Sasnal - Processo de inventariação: Assinatura e data no verso da obra e apuramento do seu estado de conservação.....</i>	<i>31</i>
<i>Figura 19 - Armazém de reservas de obras na Fundação de Serralves, Porto.....</i>	<i>33</i>
<i>Figura 20 - Exemplo de armazenamento de obras e do seu embalamento</i>	<i>33</i>
<i>Figura 21 - Espaço de trabalho na reserva de Serralves que utilizei para o processo de inventariação das obras.....</i>	<i>34</i>
<i>Figura 22 - Obra da Ana Jotta, Vasco - Processo de inventariação: Explicação do manuseamento e conceito da obra por parte da Registrar Dr.ª Helena Abreu.....</i>	<i>34</i>

<i>Figura 23 - Print do site do MCBA: exemplo do tipo de dados que foram encontrados nas plataformas online dos museus e galerias investigadas.....</i>	<i>36</i>
<i>Figura 24 - Imagem do Convite enviado por email pela Associação Amigos do Museu do Chiado</i>	<i>53</i>
<i>Figura 25 – Colecionador Pedro Álvares Ribeiro, à esquerda; o Artista José Pedro Croft como moderador da conversa, à direita. Cortesia da Professora Adelaide Duarte.....</i>	<i>54</i>
<i>Figura 26 - Público presente na 19ª sessão do Ciclo Colecionar Arte, MC – MNAC. Cortesia da Professora Adelaide Duarte</i>	<i>54</i>
<i>Figura 27- Ficha de inventário do Programa de Gestão de Inventário da Webxperience, Lda..</i>	<i>68</i>
<i>Figura 28 - Ficha de informações sobre os artistas da Coleção PM: Programa Gestão de Inventário.....</i>	<i>69</i>

Índice de Tabelas

<i>Tabela 1 - Número de Obras de Artistas Estrangeiros</i>	<i>41</i>
<i>Tabela 2 - Nº de Obras de Artistas Portugueses</i>	<i>42</i>
<i>Tabela 3 - Tipologias de Obras de Artistas Estrangeiros</i>	<i>42</i>
<i>Tabela 4 - Tipologias de Obras de Artistas Portugueses</i>	<i>43</i>
<i>Tabela 5 - Tipologias de Obras por percentagem</i>	<i>43</i>
<i>Tabela 6 - Nacionalidades dos artistas da coleção Peter Meeker</i>	<i>44</i>
<i>Tabela 7- Número total de Artistas e Obras divididos entre portugueses e estrangeiros.....</i>	<i>44</i>

Índice

1	Introdução	1
1.1	Projeto Casa S. Roque.....	1
1.2	Tarefas de Estágio	5
2	O Centro de Arte e a Coleção Peter Meeker	7
2.1	Panorama português: Instituições privadas e público-privadas de colecionadores de Arte Contemporânea	7
2.2	Análise da Coleção Peter Meeker	12
2.3	O impacto social da Casa S. Roque na população local.....	20
2.4	O impacto da Casa S. Roque na Coleção Peter Meeker.....	21
2.5	Avaliação.....	22
3	Inventário.....	23
3.1	Base de dados dos artistas da Coleção Peter Meeker.....	25
3.2	Recolha de informação sobre as obras	28
3.2.1	Casa do Colecionador	29
3.2.2	Reserva da Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea.....	32
3.2.3	Catálogos.....	35
3.2.4	Plataformas de museus e galerias portuguesas e internacionais	35
3.3	Criação e atribuição do Número de Inventário	37
3.4	Programa de inventário	38
3.5	Avaliação analítica da Coleção Peter Meeker.....	40
3.6	Avaliação.....	45
4	Definição de Práticas para a Gestão da Coleção no âmbito das atividades da Casa S. Roque	47
4.1	Regulamentos e Documentos Internos.....	48

4.2	Avaliação.....	49
5	Promoção da Coleção Peter Meeker e da Casa S. Roque	51
5.1	“Colecionar Arte: Conversas a partir de Coleções Particulares”	51
5.2	Apresentação da Coleção e do Projeto no MNAC: Tarefas para a organização da Conversa	52
5.3	Avaliação.....	55
6	Conclusão.....	57
7	Bibliografia	59
8	Anexos	61
8.1	Entrevista ao Colecionador Pedro Álvares Ribeiro.....	61
8.2	Exemplos de Ficha de Inventário e Ficha com a Base de Dados dos Artistas no Programa de Gestão de Inventário – WebXperience, Lda.....	68

1 Introdução

1.1 Projeto Casa S. Roque

A Casa S. Roque – Centro de Arte, a inaugurar em outubro de 2019 situa-se na zona oriental da Cidade do Porto, na Freguesia de Campanhã. É um projeto internacional que visa a promoção de arte contemporânea não só na cidade do Porto, mas em Portugal, na Europa e no Mundo. O projeto executado pela Associação ViverCidade – Associação para a promoção da arte foi pensado pelo Dr. Pedro Álvares Ribeiro, colecionador privado de arte contemporânea. Tem na sua Direção Artística a Curadora polaca Dr.^a Barbara Piwowska e como Diretora Adjunta a Dr.^a Leonor Leite.

Este projeto tem a parceria da Câmara Municipal do Porto que entregou o espaço à associação em 2016, após votação unânime dos partidos representantes na Assembleia Municipal. Nesse sentido, o município cedeu o antigo Palacete Ramos Pinto como palco expositivo para o projeto, de forma a reabilitar a casa, na altura degradada, e a dinamizar o Parque de S. Roque.

O edifício datado na sua fachada de meados do século XVIII pertenceu à família Ramos Pinto e Calém, conhecida pela produção de vinho do Porto. No início do século XX, a pedido de António Ramos Pinto, a casa sofreu intervenções pelo arquiteto José Marques da Silva que remodelou o edifício num estilo eclético inspirado na *art nouveau* belga e francesa. O arquiteto portuense foi autor de grandes edifícios como o Teatro S. João ou a Estação de S. Bento. O Parque de S. Roque, antiga Quinta de S. Roque da Lameira, com mais de 4 hectares, foi intervencionado pelo paisagista Jacinto de Matos. No jardim, encontram-se pequenos recantos pitorescos com elementos decorativos como um caramanchão, um mirante em betão suportado por uma gruta e um lago artificiais. Ao longo do parque descobrem-se várias fontes, lagos, uma variedade imensa de camélias, relvados e um enorme labirinto de sebes¹.

Atualmente, o palacete está a ser reabilitado pelo Arquiteto João Mendes Ribeiro que tem vindo a transformar todos os espaços num cenário expositivo que dialoga com a arquitetura da casa e a sua história. Os pormenores do edifício como o jardim de inverno, o pórtico de entrada em ferro forjado, as belíssimas casas de banho, os azulejos belgas, os estuques da escola dos Meiras,

¹ Adresen, Teresa. Portela, Teresa Marques (2001), Jardins Históricos do Porto, Lisboa, Edições Inapa.

os beirais em fiança e o espelho veneziano, são marcas na história desta casa que irão dialogar com os jardins do parque numa programação própria onde se juntam as mais de 500 obras dos 35 artistas portugueses e estrangeiros da Coleção Peter Meeker.

Associada ao acolhimento dos habitantes locais no projeto, a Casa S. Roque tem estabelecidas parcerias com distintas instituições das freguesias de Campanhã e Bonfim, com o intuito de dar a conhecer o novo espaço criando programações próprias para os residentes das referidas áreas. Este espaço, desde a sua abertura, pretende traçar uma perspetiva de dar a conhecer uma cronologia que assinale várias exposições, programação cultural, serviço educativo, eventos, visitas guiadas, entre outras valências.



Figura 2- Vista exterior da Casa S. Roque - Centro de Arte.

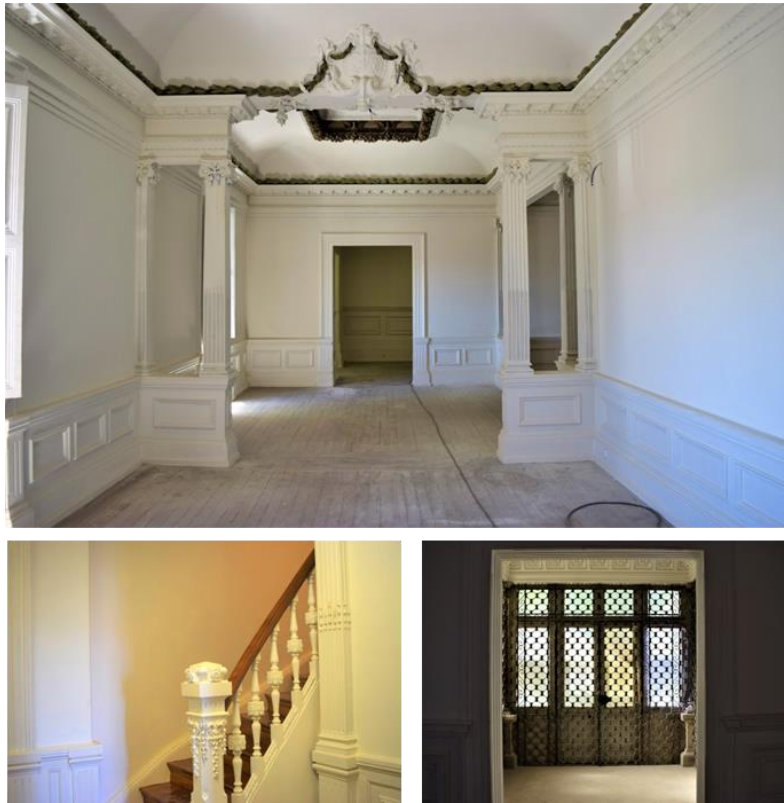


Figura 3 - Vista da principal sala expositiva (ainda em obras) da Casa S. Roque – Centro de Arte

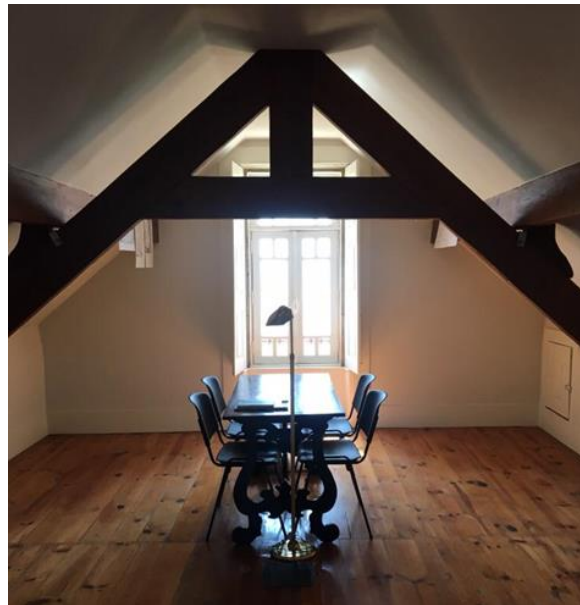


Figura 4 – Escritório de trabalho onde foi desenvolvido o Estágio



Figura 5 - Vista do jardim com o Mirante projetado pelo paisagista Jacinto de Matos



Figura 6 - Parque de S. Roque: vista do labirinto de sebes

1.2 Tarefas de Estágio

Este estágio inseriu-se no âmbito do 2º ano do Mestrado em Estudos Artísticos – Estudos Museológicos e Curadoriais da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e foi desenvolvido desde o dia 2 de novembro de 2018 a dia 30 de abril de 2019, na Casa S. Roque - Centro de Arte, com o intuito de auxiliar no lançamento da mesma. Foi conduzido pelo colecionador, Dr. Pedro Álvares Ribeiro, e pela Diretora Adjunta da CSR, Dr.ª Leonor Leite, com quem colaborei nas tarefas inerentes à Gestão da Coleção privada de Arte Contemporânea Peter Meeker.

As funções que estiveram a meu encargo integraram-se na inventariação, preservação e organização da componente estrangeira da Coleção PM – 66 obras de 18 artistas - colaborando sempre que necessário no trabalho de inventariação dos artistas portugueses e outras tarefas relativas à gestão da coleção.

Nesse sentido, o relatório apresenta um fluxo de trabalho que não obedeceu a uma cronologia, mas seguiu os seguintes campos:

Apresentação Teórica do Centro de Arte e da Coleção Peter Meeker: este capítulo expõe a contextualização do projeto no panorama português, bem como o perfil do colecionador e da coleção (2);

Inventário: insere-se na tarefa principal deste estágio. Este tópico pretende explicar os passos que foram investigados e com que finalidade. Apresenta duas propostas implementadas: a criação e atribuição do número de inventário para a Coleção e a aquisição do Programa de Gestão de Inventário. No final do capítulo, pode ser lida uma avaliação analítica da coleção (3);

Definição de Práticas para a Gestão da Coleção no âmbito das atividades da Casa S. Roque: a necessidade de criar relatórios, guias e regulamentos que auxiliem em tarefas como transportes de obras, empréstimos ou exposições também são abordados no capítulo (4);

Promoção da Coleção PM e da CSR: Este capítulo pretende dar a conhecer a organização do evento que contou com a intervenção do colecionador e o artista José Pedro Croft no ciclo “Colecionar Arte: Conversas a partir de Coleções Privadas”, um projeto dos Amigos do Museu do Chiado (Lisboa) (5).

Deve-se ainda salientar que este relatório contém na sua conclusão um desenvolvimento aprofundado das avaliações de cada capítulo, das aptidões adquiridas, assim como das tarefas que poderão ser continuadas ou iniciadas.

No final do documento, poderá ser consultado, em anexo, a entrevista ao colecionador Pedro Álvares Ribeiro que expõe vários perfis: da coleção, do projeto Casa S. Roque e enquanto colecionador. Assim como, o exemplo de uma ficha de inventário do Programa de Gestão de Inventário que irá ser apresentado no ponto 3.4 e uma ficha de identificação pessoal e profissional dos artistas da Coleção PM, referenciada no ponto 3.1.

2 O Centro de Arte e a Coleção Peter Meeker

2.1 Panorama português: Instituições privadas e público-privadas de colecionadores de Arte Contemporânea

No início do século XXI a Europa deparou-se com um crescimento de museus criados a partir de coleções privadas. Este crescimento teve várias motivações que explicam o desejo de colecionadores privados apresentarem publicamente as suas coleções. O estudo de 2015 de Marta Gnyp clarifica este processo fazendo um levantamento de motivações e respondendo essencialmente à pergunta – Quais os motivos que levam um colecionador privado a partilhar as suas obras de arte? – a historiadora refere que,

The “Collectors have named various reasons for opening a public space, such as running out of space at home, the need to share their passion with others, the responsibility of being involved with the community or the desire to create their own interpretation of art history.” (Gnyp, 2015: 199)².

No entanto, o interesse destes colecionadores incorpora-se também de uma componente financeira que corresponde à valorização da sua coleção. Ou seja, *“collectors profit from the visibility of their collections, while public exposure brings advantages to exhibited artists and their galleries.”* (Gnyp, 2015: 199). Contudo, para além destas motivações pessoais em criar instituições que acolham a sua coleção, pretendem estabelecer um forte impacto na comunidade em que se inserem, para que os cidadãos valorizem os seus projetos culturais.

Estes espaços impulsionam e contribuem para o posicionamento destes agentes no mundo da arte como um elemento de peso, trazendo reconhecimento social, cultural e financeiro à sua coleção, conjugado com a possibilidade de exibirem o seu gosto estético. Temos como referências grandes fundações e museus como o *Palazzo Graassi*, com a coleção de François Pinault, em Itália, *Saatshi art*, com a coleção de Charles Saatchi, em Inglaterra, o *Schaulager*, da Fundação Laurenz, na Suíça, ou o *Sammlung Boros*, Christian e Karen Boros, na Alemanha. Todos estes exemplos são instituições museológicas edificadas de raiz

² Gnyp, Marta (2015), *The art world of cosmopolitan collectors: In relation to mediators, institutions and producers*, Amsterdam School for Heritage and Memory Studies, Amesterdão.

ou através da reabilitação de edifícios já existentes, trazendo poder cultural e artístico ao meio onde estão implementados dando a conhecer estas coleções privadas.

O panorama português apresenta diferenças em relação ao internacional, sendo que as motivações dos colecionadores são grosso modo idênticas. Em Portugal, segundo Miguel Amado, “*estas entidades distinguem-se das suas congêneres existentes no estrangeiro, na medida em que resultam de parcerias público privadas (...)*.” (Amado, 2014:18) No geral, o colecionador associa-se à cidade de onde é natural, partilhando as suas escolhas com a população e aumentando o capital simbólico da cidade, fazendo parcerias com as autarquias locais. É o caso das grandes instituições museológicas privadas portuguesas.³

Para este estudo, foi necessário realizar uma breve investigação de alguns exemplos de instituições com parcerias público privadas e privadas que se inserissem em perfis idênticos nas suas coleções e projetos, de forma a analisar e refletir este assunto. Em primeira instância apresentam-se exemplos de instituições público privadas criadas a partir de coleções privadas de Arte Contemporânea.

A Coleção de António Cachola traz diversos pontos de interesse no desenvolvimento de espaços museológicos privado. Esta coleção, conta com centenas de obras de Arte Contemporânea, somente de artistas portugueses. O colecionador e empresário desenvolveu a sua coleção com uma visão dos anos 80 até à atualidade, contudo nos primeiros anos do milénio estabeleceu uma parceria de comodato com a Câmara Municipal de Elvas, depositando as obras da sua coleção no MACE. O museu, inaugurado em 2007, é gerido pela CME e situa-se no interior alentejano junto à fronteira espanhola. Descentralizado das grandes cidades, proporciona à população uma proximidade com a arte contemporânea portuguesa. A instituição tem como sede, um edifício com componentes do Barroco tardio e serviu de Hospital e Mesa da Misericórdia de Elvas no século XVIII. Este foi adquirido em 2002, pela CME, que o transformou num espaço museológico reabilitado pelo Arquiteto Pedro Reis. A instituição tem como objetivo “*eleva a oferta cultural da cidade, funcionando como polo dinamizador da região (...), incentivar à criação de Arte Contemporânea.*” (Almeida, 2007: 7). Possui uma oferta cultural focada na formação

³ Amado, Miguel. Figueiredo, Ricardo Oliveira, Duarte, Adelaide (2014), Traços descontínuos: Coleção Norlinda e José Lima – Uma selecção (Parte II), S. João da Madeira: Câmara Municipal de S. João da Madeira.

cultural e artística através do serviço educativo, visitas guiadas, ateliers, entre outras atividades.⁴

Um outro exemplo é o da Coleção Norlinda e José Lima em depósito na Oliva Creative Factory (S. João da Madeira). É um espaço-incubadora onde funcionou uma antiga fábrica de metalomecânica. Este local, fundado em 2013, está dividido em vários setores criativos de diferentes áreas. A Coleção do empresário de SJM foi depositada neste lugar após uma parceria de comodato com a autarquia local. Nesse sentido, a Coleção Norlinda e José Lima, uma das maiores coleções privadas nacionais, insere-se no Núcleo de Arte da Oliva, na ala de Arte Contemporânea, e conta com mais de 1000 obras de artistas portugueses e estrangeiros. É constituída maioritariamente por pintura, todavia abrange tipologias como fotografia, escultura, instalação, vídeo ou ilustração. Esta foi uma coleção iniciada nos anos 80 que esteve em depósito durante longos anos em casa do colecionador.⁵

Em 2016, Fernando Figueiredo Ribeiro, empresário e colecionador, também decidiu retirar a sua coleção de arte contemporânea do espaço doméstico para a expor aos habitantes de Abrantes e a quem visita o QuArtel de Arte Contemporânea – Coleção Figueiredo Ribeiro. Este edifício, um antigo quartel de Bombeiros, foi no passado já um espaço ligado à arte, onde funcionou a Galeria Municipal de Abrantes. A implementação e exposição desta coleção teve como intuito dar a conhecer a arte contemporânea e os artistas que estão representados nesta coleção. Com o objetivo de fazer chegar a arte a todos, este projeto promove workshops, eventos de carácter artístico, conversas, entrevistas que valorizem a pedagogia e a cultura artística^{6,7}

⁴ Almeida, José. Cachola, António. Sardo, Delfim (2012) Coleção António Cachola: Museu de Arte Contemporânea de Elvas, Elvas, MACE.

⁵ Amado, Miguel. Figueiredo, Ricardo Oliveira, Duarte, Adelaide (2014), Traços descontínuos: Coleção Norlinda e José Lima – Uma seleção (Parte II), S. João da Madeira: Câmara Municipal de S. João da Madeira.

⁶ Querioz, Manuel (2014) O colecionador curioso in Diário de Notícias.

[Consultado a 22 de abril de 2019] Disponível em: <https://www.dn.pt/revistas/nm/interior/o-colecionador-curioso-3497205.html>

⁷ Hoje assistimos, em Portugal, a um outro modelo de disponibilização pública de coleções privadas, as coleções de artistas. Estes agentes do mundo da arte têm vindo a apresentar as suas coleções, como é o caso da coleção do artista Pedro Cabrita Reis ou a coleção SILD, do artista Julião Sarmento, que irá ser tornada pública brevemente através de um projeto público privado. Este modelo de coleções, não foram incluídas no estudo realizado por não se enquadrarem no perfil das mencionadas. Na generalidade, os artistas colecionadores adquirirão as obras por via de trocas ou ofertas diferenciando-se das demais coleções.

Como se verifica, existem pormenores idênticos na análise quer das coleções quer nos projetos destes colecionadores privados. As parcerias com as autarquias locais são evidentes para tornarem a sua coleção visível ao público, pois não chega somente um espaço para depositar o acervo destas coleções. A maioria destas instituições descentralizam-se das grandes cidades, tendo em vista levar até às populações o panorama artístico nacional e internacional inerente das escolhas destes colecionadores. As suas programações têm como intuito fomentar a cultura, ter um papel de pedagogia e desenvolvimento cultural e artístico nestas áreas geográficas. Estas instituições pretendem ainda ser impulsionadoras de turismo, promovendo um forte simbolismo artístico, económico e cultural.

Apesar da maioria dos projetos portugueses, com este perfil, serem parcerias público privadas, existem casos de instituições 100% privadas que partem essencialmente dos mesmos objetivos dos projetos que foram apresentados. Nesse sentido apresentam-se dois exemplos de instituições privadas concebidas a partir de coleções privadas de Arte Contemporânea.

O caso da Fundação Leal Rios, dos colecionadores Manuel e Miguel Leal Rios, uma instituição totalmente privada, tem como objetivo “*a divulgação, manutenção, preservação e promoção das obras e artistas representados na coleção de arte contemporânea (...)*”. (Fundação Leal Rios, 2012). Nasceu em 2002 e está localizada no centro de Lisboa, numa antiga oficina de automóveis, recuperada pelo Arquiteto Alexandre Marques Pereira. A coleção destes dois irmãos equipara-se ao perfil das coleções dos outros colecionadores. Apresenta uma componente de obras de artistas portugueses e estrangeiros sendo essencialmente caracterizada por obras de vídeo e *time based media*, mas também apresenta pintura, escultura ou fotografia.⁸

Um outro exemplo de instituição fundada por colecionadores privados é o Centro de Arte do Quetzal. Situado no Alentejo, integra-se na Quinta do Quetzal, uma quinta vinícola na Vidigueira. O espaço inaugurado em 2016, é um projeto do casal de colecionadores holandeses, Cees e Inge C., que viram no Alentejo um forte motivo para darem a conhecer

⁸ Fundação Leal Rios (2012) Apresentação & Objetivos [Consultado a 22 de abril de 2019] Disponível em: http://www.lealriosfoundation.com/html/About/FLR_About_pt.html

a sua coleção de jovens artistas e artistas emergentes estrangeiros, fugindo dos grandes centros artísticos dos meios urbanos e completando o enoturismo com o turismo cultural, através de uma programação que une os dois mundos.⁹

Apesar de os casos portugueses serem distintos em alguns aspetos do panorama museológico privado internacional, como se verificou no estudo da historiadora Marta Gnyp, existem vários tipos de motivações que levam os colecionadores a tornarem públicas as suas coleções. Os colecionadores portugueses baseiam-se, maioritariamente, na falta de espaço para as obras nas suas habitações, procurando nas autarquias, espaços culturais e fundações a solução de depósito dos seus espólios. Conjugada com estas motivações, existe a ambição de mostrar a sua coleção, e nesse sentido, as parcerias público privadas auxiliam no processo que beneficia ambas as partes. Através da reabilitação dos espaços atribuídos pelas autarquias a estes projetos, existe a conservação da história dos mesmos. Ainda assim, estes colecionadores reúnem, geralmente, o pensamento de adquirir valor disfrutando do capital cultural e social que o espaço público pode trazer. A estes colecionadores Miguel Amado chama-lhes de “Colecionadores - estrela”, pois têm o mesmo objetivo, as mesmas ambições - a criação de uma instituição museológica. Estas instituições, como se constatou, abrangem um programa com foco na educação artística e no desenvolvimento do turismo cultural. Paralelamente, pretendem mostrar não só a importância da posse das obras, como também a conservação e preservação das mesmas.

⁹ Quinta do Quetzal (n.d) Arte: Centro de Arte do Quetzal [Consultado a 22 de abril de 2019] Disponível em: <http://www.quintadoquetzal.com/arte/>

2.2 Análise da Coleção Peter Meeker

O ato de colecionar esteve sempre conectado com o impacto afetivo que o Homem tem ao ser confrontado com um objeto. Uma coleção e o seu colecionador estão intrinsecamente ligados a um estado emocional e, para muitos, este processo torna-se uma obsessão prazerosa que faz parte da sua personalidade como uma forma de conceber o seu próprio olhar criativo e de valorizar o meio artístico, como acontece nesta coleção. Tal como cada Homem tem a sua identidade, penso que cada coleção também a tem. Contudo, o colecionismo é um tema muito amplo em que cada caso é único. Estes pressupostos enunciados aplicam-se ao colecionador e à coleção em estudo através do seu percurso profissional e pessoal. Desse modo, é essencial apresentar o percurso de vida do colecionador e as suas ambições, como também o crescimento da coleção, com o intuito dar a conhecer os seus perfis.

O criador da Coleção Peter Meeker, o colecionador Pedro Álvares Ribeiro, destaca-se nas áreas da banca e do marketing. Nasceu em Portugal no Porto, mas com raízes e uma educação inserida na cultura inglesa. Estudou Economia, Sociologia e Estatística na *University of Surrey*, contribuiu para o lançamento de instituições bancárias em vários países europeus e em Portugal. Atualmente é Presidente da Fundação Cupertino de Miranda (Vila Nova de Famalicão) e provedor do cliente do Banco Millenium BCP. No seu longo percurso de vida que passa pelo Reino Unido, Espanha, Polónia e Portugal, paralelamente à sua vida profissional, cultivou o gosto pelo colecionismo e pela Arte Contemporânea. Influenciado pelos museus que visitava, em Paris, Londres, Nova Iorque, pela sua cultura literária e pelo gosto pela música clássica.

Desde os anos 80 que, ativamente, coleciona obras de Arte Contemporânea de artistas nacionais e internacionais, entre eles jovens e consagrados.

A coleção nasce com alguns dos artistas emergentes dos anos 80 em Portugal como José Pedro Croft, Julião Sarmento e Pedro Cabrita Reis. Estes artistas trazem para o panorama artístico nacional uma visão social, política e cultural que se vivia até então na Europa, na América e em território nacional com o após abril de 1974. Este panorama foi-se alargando e a coleção cresceu com o acolhimento de novos artistas, como Ana Jotta, Rui Chafes, Rui Sanches, Gerardo Burmester e Pedro Portugal. Influenciados pelas visões sociais, políticas

e culturas dos anos 90 afirmaram o seu percurso, cultivando e trazendo para o panorama artístico português da época novas visões e linguagens artísticas.

Durante as aquisições nos anos 80, 90 e do início do século XXI outras se seguiram, mas relacionados com a vida do colecionador pela Europa. A viver em Madrid descobre artistas como Pepe Espaliu, Ferran García Sevilla, Andres Serrano, Jordi Colomer e Susana Solano que passam a integrar a coleção. Com o fim do projeto comunista no início dos anos 90, a Polónia vivia um período de grande crescimento o que alimentou a arte polaca. No início do milénio o colecionador viveu um período em Varsóvia devido à sua atividade profissional e daí surgiu o gosto pelas obras e percurso artístico de Mirosław Balka, Monika Sosnowska, Pawel Althamer e Katarzyna Jósefowicz. O relacionamento com várias entidades e personalidades ligadas ao panorama artístico português e estrangeiro também foram importantes para que o colecionador evoluísse como tal. Assim nasceu a Coleção Peter Meeker.

A Coleção Peter Meeker, heterónimo pelo qual o colecionador é renomado, é um projeto com mais de 40 anos. Com um núcleo de obras multidisciplinares e consistentes, conta com mais de 500 obras de 35 artistas, portugueses e estrangeiros. Agrega tipologias artísticas desde a escultura, pintura, fotografia, vídeo, desenho, instalação, obra gráfica, entre outras. Uma das suas principais características são os núcleos avultados de obras destes artistas, fruto do acompanhamento constante dos seus percursos por parte do colecionador. Esta característica pode ser denotada no número reduzido de artistas representados na coleção comparativamente às obras. As tipologias com maior número de obras inserem-se na fotografia e escultura. A fotografia está representada pelos artistas portugueses Augusto Alves da Silva, Jorge Molder, André Cepeda e Paulo Nozolino e estrangeiros como Andrés Serrano, Robert Mapplethorpe e William Wegman.

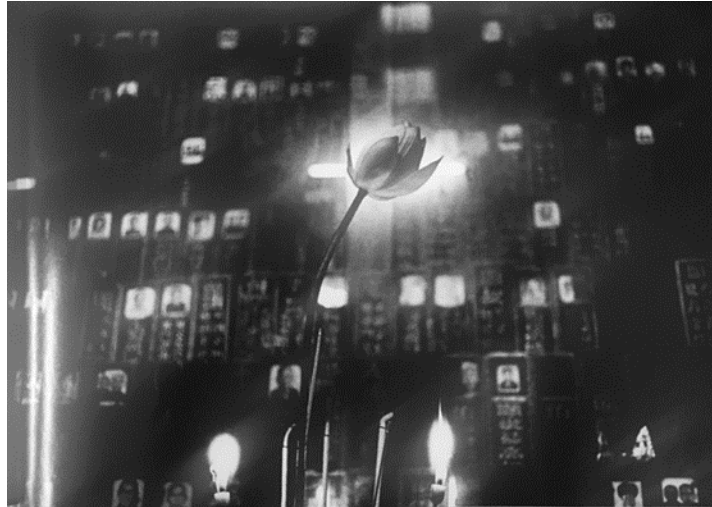


Figura 7 - Paulo Nozolino - Fim (Série "Macau"), 1999. Col. Peter Meeker

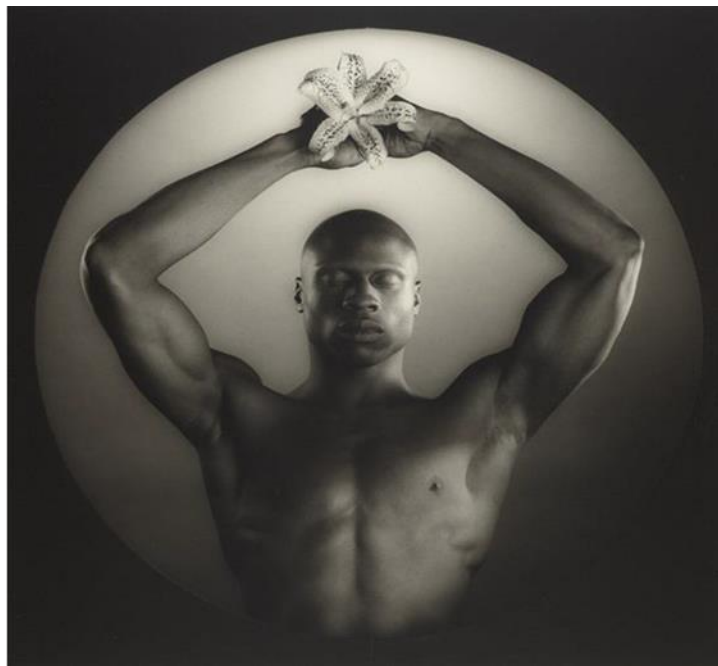


Figura 8 - Robert Mapplethorpe - Ken Moody, 1984. Col. Peter Meeker

Relativamente à representação das obras escultóricas na coleção, existem nomes portugueses como José Pedro Croft, Pedro Cabrita Reis, Rui Chafes, Rui Sanches, Francisco Tropa, com obras de dimensões que vão para além do espaço doméstico até obras com proporções mais pequenas. As obras destes artistas, de dimensões menores e/ou médias, acompanharam o percurso de vida profissional do colecionador, viajando consigo pelas diversas cidades em que viveu, podendo usufruir das mesmas.



Figura 9 - Rui Chafes - Deine Stimme, 1997. Col. Peter Meeker



Figura 10 - José Pedro Croft – Sem título, 2013. Col. Peter Meeker



Figura 11 - Pedro Cabrita Reis – Casa no Céu, 1989. Col. Peter Meeker

Monika Sosnowska, Mirosław Balka, Katarzyna Joséfowicz, Franz West, Pepe Espaliú, Jordi Colomer são os artistas internacionais que também representam esta tipologia de escultura na coleção. Com diferentes técnicas e matérias, estes artistas trazem versatilidade e realçam as obras de grandes dimensões na coleção. Introduzem, também, juntamente com a artista portuguesa Ana Jotta, uma outra tipologia, a instalação. É facilmente identificável que os artistas são a realidade mais importante da Coleção Peter Meeker. Desde os anos 80 que o colecionador se interessa pelo percurso artístico de um determinado número de artistas, com a finalidade de acompanhar e avaliar todo o seu percurso.

As obras da coleção são de certa forma, uma ligação entre o artista e o colecionador. É desta forma que se verifica, também, o seu crescimento, o prazer de colecionar e de possuir algo que o desafia, despertando a sensibilidade para a valorização e reconhecimento dos artistas e motivando a continuação do seu trabalho com a compra de obras.



Figura 12 - Mirosław Balka - Lebensraum 2003. Col. Peter Meeker



Figura 13 - Ana Jotta – A Master's View. 2006. Col. Peter Meeker

Outro aspeto relevante que permite analisar a coleção e a postura do colecionador é o processo através do qual adquire as obras, privilegiando sempre a aquisição nas galerias comerciais que representam os artistas. O colecionador reconhece o papel importante que estas têm nas carreiras dos artistas e contribui desta forma para que exista um Mercado de Arte mais forte e eficaz, com a consciência de que os artistas são o ponto mais alto do mesmo. Assim, desenvolve e reconhece a importância do dinamismo do trinómio artista – galerista - colecionador.

A preocupação de adquirir peças que fossem proporcionais ao espaço doméstico – primeiro depósito da Coleção Peter Meeker – não foi um aspeto que condicionou o colecionador. A compra de obras de grandes dimensões, que não se enquadravam nos espaços habitacionais que o colecionador percorreu, fizeram com que fossem tomadas medidas, definido um local para depositar as obras. No final dos anos 90 foi estabelecido entre o Dr. Pedro Álvares Ribeiro e a Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea um protocolo que visou o acolhimento de parte da coleção nas reservas da instituição e a permissão para que esta a utilize para exposições. As obras depositadas em Serralves correspondem a cerca de 80% da coleção, sendo a maioria espólio de artistas portugueses. A coleção foi aumentando ao longo dos anos e atualmente as peças encontram-se em vários depósitos, também internacionais.

Em suma, a Coleção PM como se pode verificar, é o reflexo de um percurso de vida do colecionador, através de fatores geográficos ou da afetividade com os artistas. O seu crescimento, ao longo de quase 40 anos, realizou-se de uma forma orgânica, acompanhando sempre a vida do colecionador e as suas ligações afetivas sem olhar a questões demasiado práticas. Sem refletir que um dia seria apresentada ao público. Nesta nova fase em que a coleção se encontra, várias serão as mudanças: a coleção que até à data cresceu de forma orgânica será uma das bases do projeto e alvo de análise e estudo por parte de um público. Esta partilha é o grande objetivo do colecionador contribuindo para um património cultural onde poderá mostrar as suas escolhas estéticas.

2.3 O impacto social da Casa S. Roque na população local

Os espaços culturais e artísticos como Centros de Arte ou Museus têm um papel essencial no desenvolvimento social de uma comunidade. Segundo o ICOM,

“O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o património material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite.” (ICOM, 2013: 64)¹⁰

A Casa S. Roque tem como um dos seus principais objetivos integrar a comunidade local neste projeto de forma a servir como meio de estudo, educação e usufruto pelos seus visitantes, em específico aqueles que habitam perto dela.

Nesse sentido, foram desenvolvidos dois protocolos que visam o envolvimento de várias entidades com a Casa S. Roque: a parceria com o Agrupamento das Escolas do Cerco do Porto e a cooperação com os Centros de Dia implementados nas freguesias de Campanhã e Bonfim.

O primeiro protocolo visa a integração e a implementação de um contexto artístico e científico pedagógico nos jovens do Agrupamento de Escolas do Cerco. A Casa S. Roque, em parceria com esta instituição está a desenvolver um programa, “Descobrir com a Arte e a Natureza”, em que abre o Serviço Educativo a estas turmas, com o intuito de envolver os jovens neste projeto, oferecendo-lhes conhecimento artístico e desenvolvendo o seu espírito crítico e artístico.

O projeto em seguimento com os seniores dos Centros de Dia inseridos nas freguesias de Campanhã e Bonfim, “Inspirar com a Arte e Natureza”, tem como principal alvo a integração dos utentes destas instituições no meio artístico local. O projeto implica uma visita guiada através da exposição existente, com o intuito de dar a conhecer o pensamento artístico da curadora, a história da casa e a visita aos jardins que envolvem o espaço expositivo. Como nunca é tarde para aprender, estes utentes têm ainda o desafio de

¹⁰ Desvaléés, André. Mairesse, François (ed) (2013) Conceitos Chave de Museologia: ICOM, Armand Colin.

desenvolver atividades dentro das suas instituições e a oportunidade de as apresentarem publicamente na CSR ou no Parque S. Roque.

A equipa da CSR ambiciona envolver toda a comunidade local, iniciando as atividades com os jovens e seniores, possibilitando uma ligação estreita com todos aqueles que participam nelas.

É ainda essencial destacar que este projeto, mesmo inserido na zona do grande Porto, situa-se numa área pouco desenvolvida e explorada da cidade, principalmente ao nível artístico. Prevê-se um crescimento económico, turístico e social após a abertura deste espaço cultural e de outros espaços das mais diferentes áreas que venham trazer crescimento neste ponto da cidade.

Consciencializar a população, principalmente, destas duas freguesias, é um ponto fundamental na implementação deste projeto, o que se pretende é que o espaço seja da comunidade local e de quem o visita, proporcionando um crescimento artístico e oportunidades culturais que até então não existiam na zona oriental da cidade do Porto.

2.4 O impacto da Casa S. Roque na Coleção Peter Meeker

Segundo o colecionador *“a coleção é um ponto de partida para a evolução do Centro de Arte”* (ver entrevista em Anexo 8.1).

Mesmo antes de inaugurar, a Casa S. Roque já teve um impacto muito positivo na Coleção Peter Meeker, uma coleção que se desenvolveu de forma dinâmica desde os anos 80 até à atualidade, na medida em que houve a necessidade de se verificar todo o inventário, investigar o historial de cada obra: a sua história conceptual, bibliográfica e expositiva que, até então, não existia. Contribuindo desta forma para a valorização da coleção e para o desenvolvimento de processos futuros que visam a sua segurança e preservação.

A coleção esteve durante cerca de 40 anos em vários depósitos. A maioria das obras, sobretudo dos artistas estrangeiros, nunca foi exposta após a sua aquisição, o que poderá ser impactante para o colecionador rever as suas escolhas em contexto expositivo.

Um outro impacto na Coleção Peter Meeker proveniente deste novo espaço é a sua integração na programação juntamente com outras obras de artistas internacionais e outras coleções. Este procedimento poderá trazer novas narrativas à coleção, pois somente a exposição da mesma não deixa de ser um olhar estético e pessoal de um colecionador.

Para além dos tópicos já mencionados, este projeto pretende apresentar uma harmonia entre a coleção, a casa com a sua história e arquitetura, bem como, os jardins do Parque de S. Roque. Assim, por consequência, estas obras terão a oportunidade de dialogar com todos estes espaços interiores, exteriores e decorativos. Poderá ser uma base interessante na medida em que a coleção pode evoluir num diálogo entre a programação, o espaço envolvente e a opinião de quem visita a Casa S. Roque. Em suma, com a concretização desta entidade toda a Coleção PM poderá ser visualizada durante um período de 15 anos.

2.5 Avaliação

Competências adquiridas:

- Ampliação do conhecimento sobre a visão do colecionismo privado em Portugal;
- Ampliação do conhecimento sobre instituições criadas a partir de coleções privadas;
- Ampliação do conhecimento sobre o projeto Casa S. Roque – Centro de Arte e o perfil do colecionador e da coleção Peter Meeker;
- Aquisição de competências sobre a Arte Contemporânea e o seu Mercado de Arte, nomeadamente nas diferentes metodologias de compra de obras;
- Aquisição de competências na elaboração de textos críticos sobre os assuntos mencionados.

Dificuldades:

- Escolha de bibliografia pertinente e atualizada sobre o assunto;
- Escolha de casos práticos com perfis semelhantes ao da Coleção PM;
- Recolha de informação sobre o contexto social e evolutivo da CSR e da Coleção PM.

3 Inventário

A tarefa principal do estágio focou-se na inventariação das obras dos artistas estrangeiros representados na Coleção Peter Meeker, com o intuito de organizar este setor e entender as funções de Registrar numa coleção de Arte Contemporânea. Esta tarefa será desenvolvida aprofundadamente nesta secção do relatório, no entanto, irão ser apresentados excertos das colaborações no trabalho de inventariação das obras dos artistas portugueses que foram fulcrais para a minha aprendizagem nesta área. Esta categoria (artistas estrangeiros), encontra-se em constante crescimento e conta com 66 obras de 18 artistas.¹¹

No início do estágio a inventariação encontrava-se ainda numa fase embrionária, em que as informações que a equipa possuía sobre as obras eram provenientes ou da Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, instituição onde um vasto núcleo da mesma se encontra depositado ou de alguns registos fotográficos das peças e etiquetas identificativas. Toda a documentação inerente às peças foi-me entregue pela Diretora Adjunta da CSR e responsável pela coleção, Dr.ª Leonor Leite.

Numa primeira fase de adaptação foi primordial estabelecer uma metodologia. Nesse sentido, o trabalho de inventariação foi organizado em duas etapas:

Primeira etapa – Investigação:

A investigação e a gestão do inventário das obras dos artistas estrangeiros na Coleção PM foi executada em três fases:

- Primeira fase: conhecimento, investigação e organização da informação pessoal dos artistas numa base de dados.
- Segunda fase: levantamento e organização da informação dos dados do inventário básico de cada obra da coleção, relativa aos artistas estrangeiros;
- Terceira fase: verificação do estado de conservação, investigação e compilação de toda a informação histórica e expositiva das obras que integram a coleção;

¹¹Estes dados correspondem ao somatório de artistas e obras realizado no dia 15 de maio de 2019.

Após debatidos em equipa, foram decididos os seguintes campos das fichas de inventário de cada obra¹²:

- (Imagem da obra)
- N° de inventário:
- Artista:
- Título:
- Data:
- Técnicas:
- Duração*:
- Edição:
- Localização:
- Estado de Conservação [Muito bom até Mau] **¹³:
- Bibliografia**:
- Exposições**:
- Sinopse*:
- Proveniência:
- Marcas/assinaturas/inscrições:
- Observações:

Todos os campos foram investigados e melhorados ao longo do estágio, contudo houve durante este período a necessidade de traduzir toda a informação. A utilidade de contactar futuramente os artistas e galerias estrangeiras para aprovarem e ser recolhida informação sobre as obras foi um dos motivos. O segundo motivo, e não menos importante, deve-se à Diretora Adjunta e Curadora da CSR, Dr.^a Barbara Piwowska ser polaca e não ler

*Quando necessário na inventariação dos vídeos da Coleção PM.

**Informação relativa à terceira fase da investigação.

¹² Estes campos correspondem à primeira fase de investigação, correspondendo ao nível básico e avançado dos dados necessários de um inventário para cada obra. Foram os estipulados pela equipa e pelo colecionador como os mais importantes e necessários nesta fase inicial do projeto.

¹³ Baseado no livro: Pinho, Elsa Garret. Freitas, Inês da Cunha (2000) Normas Gerais de Inventário: Artes Plásticas e Artes Decorativas, Instituto dos Museus e da Conservação.

português. Nesse sentido, houve um processo de tradução para a conceção de um inventário bilingue.

Segunda etapa – Propostas:

A segunda etapa de investigação desenvolveu-se através da complementação e preservação dos dados do inventário.

- Primeira proposta: Criação e atribuição do N° de inventário;
- Segunda proposta: Aquisição de um Programa de gestão de inventário.

Estas propostas tiveram seguimento devido às necessidades que a gestão da coleção detinha aquando da primeira etapa. Sublinha-se também, que todos os tópicos a apresentar neste capítulo obtiveram o auxílio de toda a equipa, com especial enfoque no colecionador Pedro Álvares Ribeiro.

A informação recolhida nas etapas, foi submetida e editada numa ficha de inventário provisória, em formato Word, ao longo do estágio, com o propósito de classificar os dados de acordo com cada obra da coleção.

3.1 Base de dados dos artistas da Coleção Peter Meeker

Com a necessidade de estipular metas futuras para o funcionamento logístico da Casa S. Roque, uma das primeiras tarefas consistiu na criação de uma base de dados para os artistas desta coleção com a finalidade de os contactar para diversas solicitações. Esta base de dados inseriu-se numa estratégia de contacto e como ainda não tinha sido realizada uma lista de artistas da coleção, a tarefa iniciou-se nesse caminho. Assim, apresenta-se a lista que foi produzida:

Ana Jotta

André Cepeda

Andres Serrano

Ângela Ferreira

Art&Language

Augusto Alves da Silva
Ferran García Sevilla
Francisco Tropa
Franz West
Gerardo Burmester
Ignasi Aballí
Jochen Gerz
Jordi Colomer
Jorge Molder
José Pedro Croft
Julião Sarmiento
Katarzyna Józefowicz
Manuel Rosa
Miroslaw Balka
Monika Sosnowska
Paulo Nozolino
Pawel Althamer
Pedro Cabrita Reis
Pedro Calapez
Pedro Casqueiro
Pedro Portugal
Pepe Espaliú
R. H. Quaytman
Richard Serra
Robert Maplethorpe
Rui Chafes
Rui Sanches
Susana Solano
Wilhelm Sasnal
William Wegman

Embora a responsabilidade principal de estágio se centrasse na inventariação dos artistas estrangeiros da coleção, este ponto foi realizado para todos os artistas. Foi criada uma estratégia de contacto para ser implementada dois meses antes da participação de um ou mais artistas na programação expositiva da CSR. Este plano foi concebido pela equipa da CSR e dirigido pela Dr.^a Leonor Leite. Analisando os tópicos da estratégia definida, a meu encargo ficou a elaboração do primeiro ponto da mesma: uma base de dados para todos os artistas da coleção (acima mencionados). O trabalho foi criado num ficheiro Word que futuramente irá ser trasladado para o programa de inventário (ver Anexo 8.2 como exemplo).

O documento foi idealizado de acordo com os seguintes campos:

- Nome (pelo qual o artista é conhecido no mundo da arte);
- Fotografia;
- Data de nascimento e falecimento | Nacionalidade;
- Contactos (email e/ou telemóvel);
- Morada;
- Website;
- Galerias (que representem atualmente o artista).

Esta tarefa permitiu uma pesquisa em várias plataformas que, também, ajudaram a solucionar várias questões na inventariação das obras. Mesmo assim, foi um passo importante não só na organização inicial da coleção, mas também no conhecimento prévio destes artistas, tornando-se um ponto de partida do trabalho e investigação que se seguiram.





Name	Photo	Birth	Email	Address	Website	Galleries
Andres Serrano		15/08/1950 (USA)	info@andresserrano.org		http://andresserrano.org	Juana de Aizpuru (ES); Galerie Nathalie Obadia (FR, BE); Galeria Alfonso Artaico (IT); Galleria Pack (IT); Kitano Alley Gallery (KH); QG Gallery (BE); Serge Sorokko Gallery (USA);
Art & Language		Michael Baldwin 1945; Mel Ramsden, 1944 (UK)				Juana de Aizpuru (ES); Lisson Gallery(UK, NY); Kadel Willborn Gallery (DE);
Ferran Garcia Sevilla		1949 (ES)				Rocio Santa Cruz (ES)
Franz West		16-02-1941 26-07-2012 (AT)				Gagosian (USA; UK; FR; CH; IT; GR; CN); David Zwiner (UK; USA; CN); Galerie Eva Presenhuber (CH; USA); Gallerie Elisabeth & Klaus Thoman

Figura 14 – Exemplo da Base de Dados com informações dos artistas estrangeiros – Col. Peter Meeker

3.2 Recolha de informação sobre as obras

Com a necessidade de preencher os campos definidos para as fichas de inventário das obras desta coleção, foi essencial apurar quais os métodos de pesquisa de informação em falta.

Por circunstâncias da vida do colecionador as obras foram depositadas em vários locais. Contudo, este foi a principal fonte na construção da história de cada obra, o que auxiliou na concretização desta tarefa.

Neste ponto do relatório irão ser apresentados vários depósitos das obras, entre eles, as quatro etapas de recolha de informação que foram auxiliadas pelo colecionador, pela Dr.^a Barbara Piwowarska e pela Dr.^a Leonor Leite.

É importante referir os locais de depósito das obras, com o intuito de explicar o que foi realizado e o que ainda falta melhorar no inventário da coleção Peter Meeker.

Depósitos das obras da Coleção PM:

- Casa do Colecionador;
- Armazém Privado do Colecionador;
- Depósito no Museu da Fundação de Serralves;

- Depósito no MACBA – Museu d’ Art Contemporani de Barcelona;
- Depósito no Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía;
- Galerias portuguesas e internacionais.

Apesar dos locais de depósito que visitei - Casa do Colecionador e Depósito da Fundação de Serralves – outros dois motores foram essenciais no auxílio da construção do inventário – os diversos catálogos consultados e plataformas de museus e galerias portuguesas e estrangeiras. Nos itens seguintes, apresentam-se os moldes em que a investigação nos locais e plataformas auxiliaram a construção do inventário.

3.2.1 Casa do Colecionador

É no espaço doméstico que o colecionador guarda as obras que pretende ter mais próximo, com o intuito de poder disfrutar diariamente das suas escolhas, histórias ou conceitos que remetem às obras.

O trabalho realizado neste espaço foi auxiliado pelo colecionador em conjunto com a Dr.^a Leonor Leite, de forma a recolher, eficientemente, todo o material pretendido para a inventariação das obras.

Para o mesmo efeito, foi criado previamente um documento com as informações em falta dos artistas estrangeiros localizadas em Casa do Colecionador, de modo a facilitar a recolha de informação no local.

As principais tarefas executadas foram:

- Recolha dos dados básicos do inventário em falta de acordo com cada obra: título, data, técnica;
- Recolha das dimensões das obras através de medição;
- Fotografar detalhes que sejam importantes para o historial das obras: marcas, assinaturas, etiquetas, proveniência;
- Apurar o estado de conservação das obras;
- Levantamento fotográfico com o intuito de identificar as peças.



Figura 15 – Obra de William Wegman - Processo de inventariação



Figura 16 – Obra de Mirosław Balka – Processo de inventariação

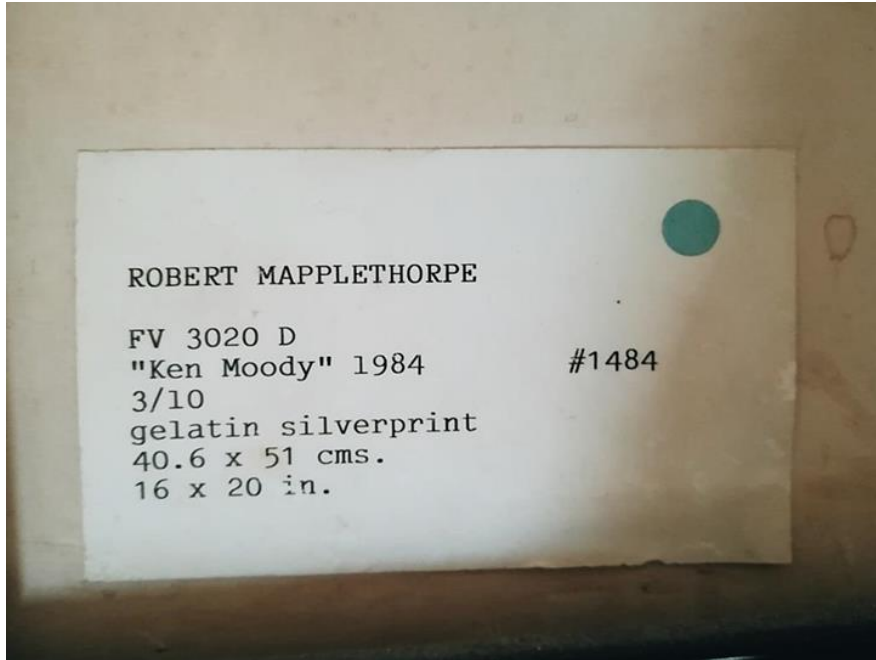


Figura 17 – Obra de Robert Mapplethorpe – Processo de inventariação: exemplo de etiqueta com as informações da obra e verificação do estado de conservação da moldura que apresentava vestígios de humidade

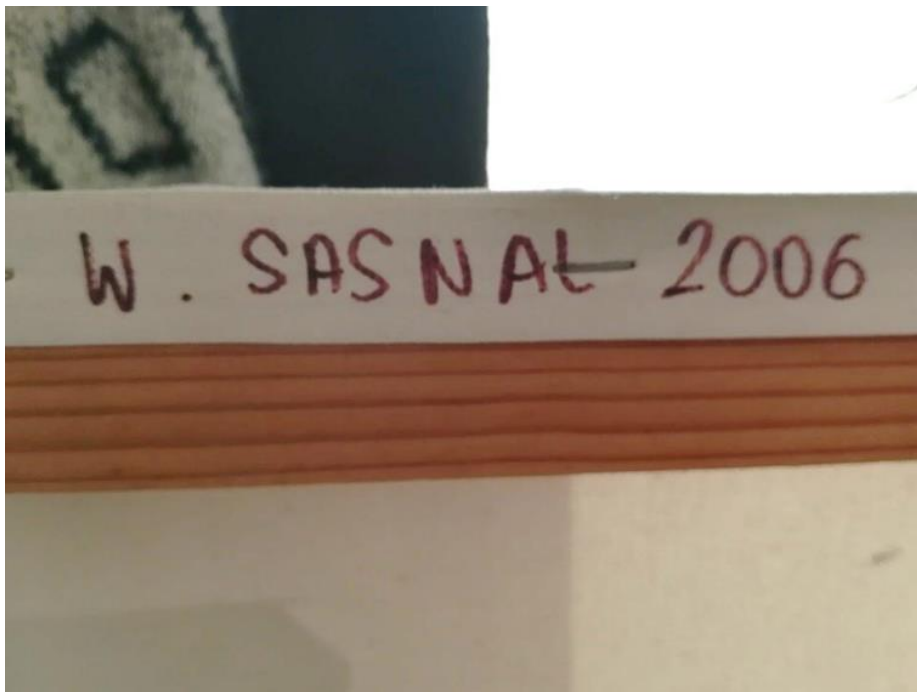


Figura 18 – Obra de Wilhelm Sasnal - Processo de inventariação: Assinatura e data no verso da obra e apuramento do seu estado de conservação

3.2.2 Reserva da Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea

A Pesquisa realizada na Reserva da Fundação de Serralves ocorreu em parceria com os responsáveis da mesma, o Dr. Filipe Duarte e a Dr.^a Helena Abreu. Apesar das tarefas relatadas neste documento estarem focadas no inventário das obras dos artistas estrangeiros, neste depósito a generalidade das obras da Coleção PM são dos artistas portugueses. Esta experiência, foi uma oportunidade para observar as obras e obter informações que se encontravam em falta, mas também para colocar em prática e confirmar aprendizagens de conservação e armazenamento de obras de arte, estudadas nas aulas do Mestrado.

A visita às reservas de Serralves foi realizada em dois momentos, um a 26 de março de 2019 e outro a 29 de março do mesmo ano com o acompanhamento do colecionador, da Diretora Artística e da Diretora Adjunta da CSR com o intuito de:

- Recolher os dados básicos do inventário em falta de acordo a cada obra: título, data, dimensões, técnica;
- Fotografar detalhes que sejam importantes para o historial das obras: marcas, assinaturas, etiquetas, proveniência;
- Recolher fotografias que auxiliem na identificação, embalamento e montagem das obras;
- Verificar o estado de conservação das obras com o auxílio do Dr. Filipe Duarte e da Dr.^a Helena Abreu;



Figura 19 - Armazém de reservas de obras na Fundação de Serralves, Porto



Figura 20 - Exemplo de armazenamento de obras e do seu embalamento



Figura 21 - Espaço de trabalho na reserva de Serralves que utilizei para o processo de inventariação das obras

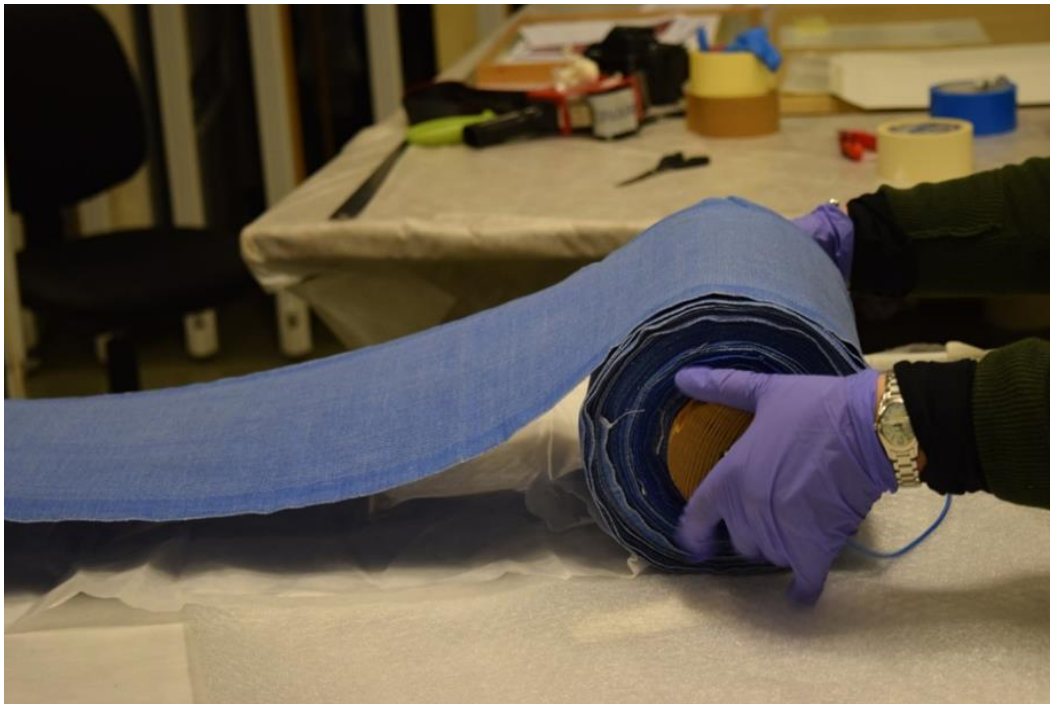


Figura 22 - Obra da Ana Jotta, Vasco - Processo de inventariação: Explicação do manuseamento e conceito da obra por parte da Registrar Dr.ª Helena Abreu

3.2.3 Catálogos

As referências compiladas de acordo com a pesquisa das obras da coleção em Catálogos, foram consultadas nos seguintes locais:

- Casa do Colecionador;
- Biblioteca da Fundação de Serralves.

Os dados investigados em catálogos tornaram-se numa pesquisa de tentativa erro. Embora o auxílio do colecionador e da Registrar da Fundação de Serralves tenham sido imprescindíveis para o processo de análise bibliográfica, este foi demorado e exigiu bastante pesquisa, principalmente na biblioteca de Serralves.

A recolha de informação teve igualmente em vista os parâmetros necessários para a inventariação das obras, mas com um enfoque primordial nos campos relativos ao percurso expositivo e bibliográfico de cada obra investigada. Todavia, de acordo com o trabalho realizado, apresentam-se os dados que foram recolhidos:

- Dados básicos do inventário em falta de acordo com cada obra: título, data, técnica, dimensões;
- Exposições em que a obra esteve exposta;
- Catálogos que referenciem a obra;
- Fotografias que identifiquem a obra e auxiliem a sua montagem.

3.2.4 Plataformas de museus e galerias portuguesas e internacionais

A recolha de informação neste setor de investigação, a ajuda do colecionador foi essencial para a indicação dos locais de depósito e dos locais de compra das suas obras. Analisando essa informação, foram investigadas as plataformas de comunicação online dos museus e galerias indicados. Este processo de recolha de dados permitiu-me identificar a proveniência e algumas localizações internacionais das obras desta coleção.

As informações de alguns campos das fichas de inventário foram recolhidas das plataformas online (sites e redes sociais) dos seguintes espaços:

- MACBA – Museu d’ Art Contemporani de Barcelona;

- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía;
- Galeria Juana de Aizpuru (Madrid);
- Galeria Pepe Cobo (Sevilha - Madrid);
- Galeria Pedro Oliveira (Porto);
- Entrevista a Luís Serpa (Galeria Cómicos) – Revista ArteCapital.

Analisando a pesquisa destas plataformas foram recolhidas as seguintes informações:

- Fichas técnicas das obras: n° de inventário, título, data, técnicas, dimensões;
- Exposições;
- Proveniência;
- Localização;
- Fotografias identificativas da obra e da sua montagem.

The screenshot shows the MACBA website interface. At the top left is the MACBA logo. On the right, there are links for 'Castellano', 'Català', 'Sign in', 'Newsletter', and 'Get tickets'. A navigation menu on the left includes 'Visit', 'Exhibitions', 'Independent Studies Programme', 'Activities', 'Education', 'Collection', 'Archive and Library', 'Publications', 'Press', and 'MACBA Amics'. The main content area displays the title 'Frase (Der Wachturm)' under a 'COLLECTION' heading. Below the title is a photograph of the artwork, which consists of several white, angular, geometric blocks arranged in a line. To the right of the image, the title 'FRASE (DER WACHTTURM)' is followed by the artist's name 'Jordi Colomer'. Below this, the year '1991' and the medium 'Installation' are listed, along with the materials 'Plaster, wood, marble, fabric and paint' and the dimensions '47 x 291 x 35,5 cm'. At the bottom, it states 'MACBA Collection. MACBA Consortium. Long-term loan of Peter Meeker' and the number '1244'.

Figura 23 - Print do site do MCBA: exemplo do tipo de dados que foram encontrados nas plataformas online dos museus e galerias investigadas

3.3 Criação e atribuição do Número de Inventário

Segundo a Lei Quadro dos Museus Portugueses nº 47/2004 do Artigo 16.º, refere que o inventário museológico,

“É a relação exaustiva dos bens culturais que constituem o acervo próprio de cada museu, independentemente da modalidade de incorporação. (...) Visa a identificação e individualização de cada bem cultural e integra a respetiva documentação de acordo com as normas técnicas mais adequadas à sua natureza e características.”

Para responder às funções legais e funcionais de inventariação, foi criado um número de Inventário para a Coleção Peter Meeker, na medida em que existiam necessidades básicas que careciam de ser decididas para o bom funcionamento do Centro de Arte. Salienta-se que a maioria das obras em depósitos no armazém do colecionador e em casa do mesmo até então não teriam sido objeto de nenhum tipo de identificação. Nesse sentido, sugeri que existisse um número que conseguisse ser conjugado com outros já incluídos nas obras referentes às instituições que as acolhem.

O número foi idealizado de acordo com a vontade e preferência do colecionador no que diz respeito à identificação das obras pelo nome dos artistas e na referência à assimilação das cotas dos livros da Biblioteca de Serralves, local em que predomina a maioria da informação sobre as obras desta coleção. Desse modo, o número foi executado através do seguinte raciocínio: PM (corresponde ao nome da coleção – Peter Meeker), a primeira letra em maiúsculas do nome do artista, seguida das três primeiras letras em maiúsculas do último nome do artista concluindo com o número de referência de cada obra, exemplificando PM A. SER 0059.

O número de inventário foi produzido com o intuito de identificar de forma rápida a coleção e o autor de cada obra. Este campo do inventário será necessário para várias funções entre elas a identificação da obra e/ou pedidos de empréstimo.

Na Coleção Peter Meeker, a generalidade das obras está associada a números de inventários das instituições onde se encontram em depósito, por isso, foi imprescindível um guia interno de utilização e atribuição do número produzido. Para tal, foram criadas as seguintes regras:

Aquisição de obras novas:

- Cada obra nova a entrar no inventário da Coleção PM deve estar associada sempre ao último número que ainda não foi atribuído. Exemplo: último número atribuído, PM W. WEG. 00616; obra nova – PM A. JOT 00617.
- A obra deve ser sempre associada ao artista que a concebeu.

Novos Artistas na Coleção PM:

- Se houver um nome de um artista em que haja coincidência de abreviatura dos nomes, deve-se acrescentar uma letra às três iniciais do último nome. Exemplo: PM. R. SERRU0587.

Utilização do número de inventário associado a outro (s):

- Sempre que exista mais do que um número associado à mesma obra deve ser indicado posteriormente ao número da obra na Casa S. Roque.

Exemplo: PM M. BAL 0570 | Serralves: PM 0286

O número de inventário criado e aceite pelo colecionador foi atribuído a todas as obras da coleção, por ordem cronológica (relativo às obras de cada artista) e alfabética. O processo foi sempre supervisionado e revisto pelo colecionador, avaliando as minhas escolhas. Estando estas, sujeitas a futuras alterações complementares que possam surgir e contribuir para o seu enriquecimento.

3.4 Programa de inventário

A proposta de aquisição de um programa de inventário apresentada por mim ao colecionador surgiu por via de um reconhecimento de que uma instituição em início de percurso deve ter a sua coleção de forma organizada, preservada e segura num programa que privilegiasse as suas necessidades.

Primeiramente, foram analisados vários programas de gestão de inventários de distintas empresas. Após a análise, realizou-se um pedido de orçamento, seguindo-se a recolha de respostas por parte das empresas, originando a elaboração de um balanço dos programas a

serem adquiridos: as vantagens e desvantagens, características da gestão do programa, funcionalidades e os preços.

Seguidamente da análise dos programas e das suas características, foi escolhido o programa “Gestão de Inventários” da empresa WebXperience, Lda. Esta empresa gerida pelo programador Pedro Rodrigues, concebeu e vendeu este modelo de programa a agentes artísticos que necessitavam de gerir e organizar obras de arte, como a artista Helena Almeida ou a Galeria Filomena Soares.

O programa de Gestão de Inventários da WebXperience foi desenvolvido com algumas características adicionais à gestão do inventário ao já elaborado pelo programador, perante as necessidades da CSR. Assim, apresentam-se as principais características do mesmo:

- Poder ser acedido em qualquer parte do mundo através de um email e palavra passe - está alojado num servidor remoto;
- Permitir alterações necessárias de acordo com as necessidades da CSR;
- Bilingue (Português e Inglês);
- Introdução das obras da coleção e de novas aquisições no futuro contemplando diversos campos: imagens, dados de inventário, dados sobre seguros, empréstimos, localização, estado de conservação, histórico expositivo e bibliográfico;
- Impressão automática de Relatórios: Relatórios de conservação, etiquetas de identificação das obras, guia de transporte e entrega de obras, entre outros;
- Gerir os dados pessoais dos artistas: contactos, biografias, c.v, galerias que os representem;
- Gerir os dados da equipa: dados pessoais, horário de trabalho, cargo. Assim como, de todos os fornecedores do Centro de Arte.

Para além destes parâmetros de carácter geral, foram alterados outros campos de modo a existir um maior controlo sobre o inventário, em particular:

- Referência – Número de inventário;
- Ano – Data;
- Consignação – Estado de Conservação;

- Preço de venda ao público – Valor de seguro;
- Histórico de feiras – Histórico de exposições;
- Notas sobre a compra – Assinaturas e Marcas.

Não obstante dos parâmetros supramencionados, outros foram alterados no sentido de auxiliarem na história, por exemplo, de obras emprestadas e intervencionadas. Este processo foi conjugado com o programador e as sugestões que o mesmo enunciava, com a finalidade de executar um programa capaz de responder a todas as necessidades da instituição. Ainda assim, deve ser reportado que os tópicos até agora relatados desenvolveram-se com o intuito de completarem a sua missão através de um upgrade futuro para este programa de inventário (ver Anexo 8.2. como exemplo).

3.5 Avaliação analítica da Coleção Peter Meeker

Neste subcapítulo, pretende-se apresentar uma caracterização da Coleção PM. O trabalho avaliado realizou-se e foi atualizado ao longo do estágio a pedido do colecionador, com o propósito de organizar a informação através de segmentos e agrupamentos de informações sobre as obras e os artistas. Por entre a ligação de tipologias comuns e pontos de contacto pretende-se conceber uma narrativa da coleção. Para tal, a caracterização a ser apresentada foi formatada numa perspetiva quantitativa que permitiu uma avaliação analítica desta coleção. O estudo foi elaborado para todos os artistas da coleção, em certos parâmetros dividido por artistas portugueses e estrangeiros, com a finalidade de ser compreensível a evolução da coleção e do trabalho nestes dois setores. A foi distribuída e avaliada pelos seguintes conjuntos de géneros que passam a ser apresentados:

- Número de obras por artista;
- Tipologia de obras;
- Nacionalidade dos artistas;
- Número total de artistas e obras.

Número de obras por artista: permite atribuir de forma quantitativa uma visão particular e geral de cada artista da coleção, com o objetivo de possibilitar uma análise do investimento de aquisições.

Tipologia de obras: este campo foi listado para esta avaliação para facilitar a organização quantitativa da coleção permitindo segmentar as obras inseridas na tipologia de escultura, fotografia, instalação, pintura, entre as de mais.

Nacionalidade dos artistas: destaca-se a avaliação deste tópico na medida em que é um género importante na análise do perfil da coleção e do gosto do colecionador, nomeadamente, sobre as suas influências no mundo da arte e a sua vida no estrangeiro, que se refletem na escolha destes artistas.

Número total de artistas e obras: este estudo declara uma avaliação quantitativa geral da coleção que pode ser aplicada, por exemplo, na apresentação da mesma através de um resultado aproximado.

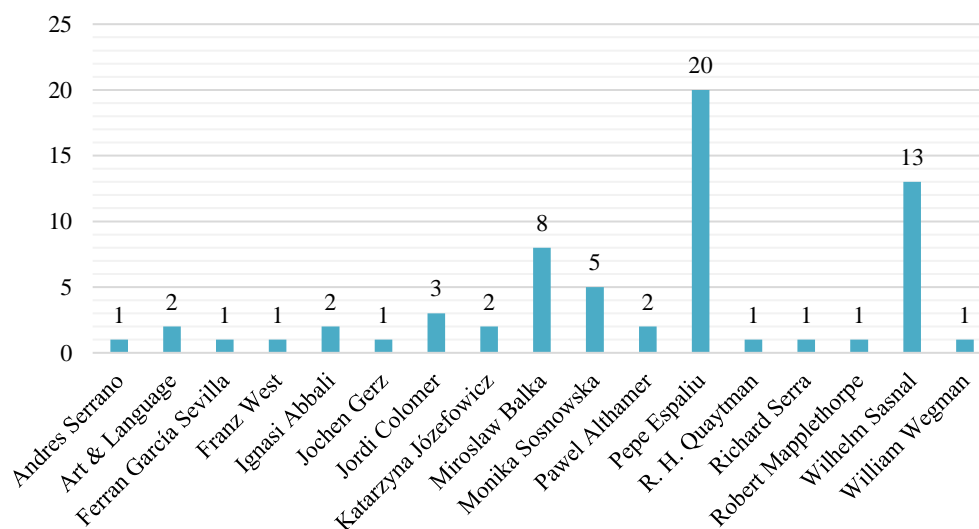


Tabela 1 - Número de Obras de Artistas Estrangeiros

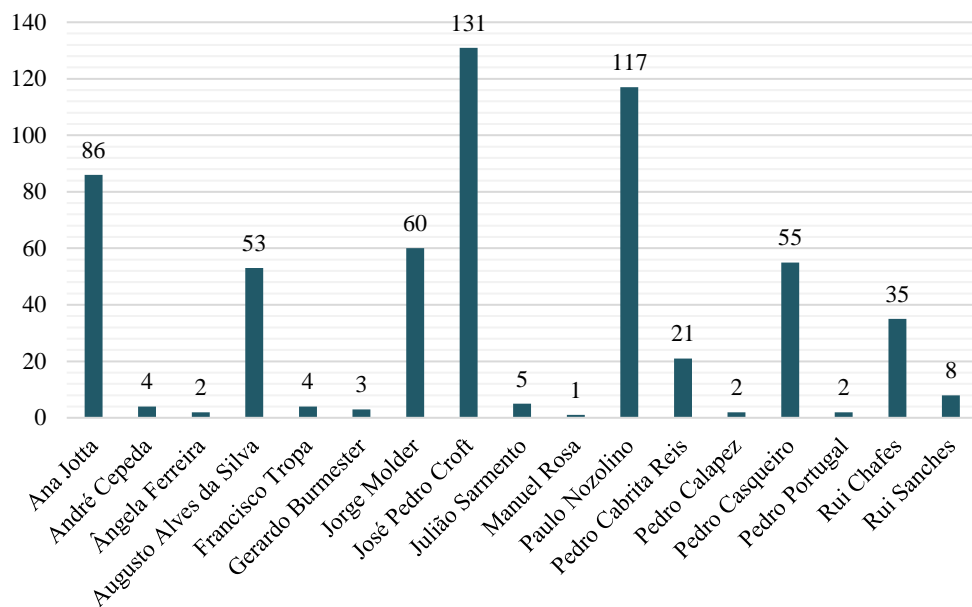


Tabela 2 - Nº de Obras de Artistas Portugueses

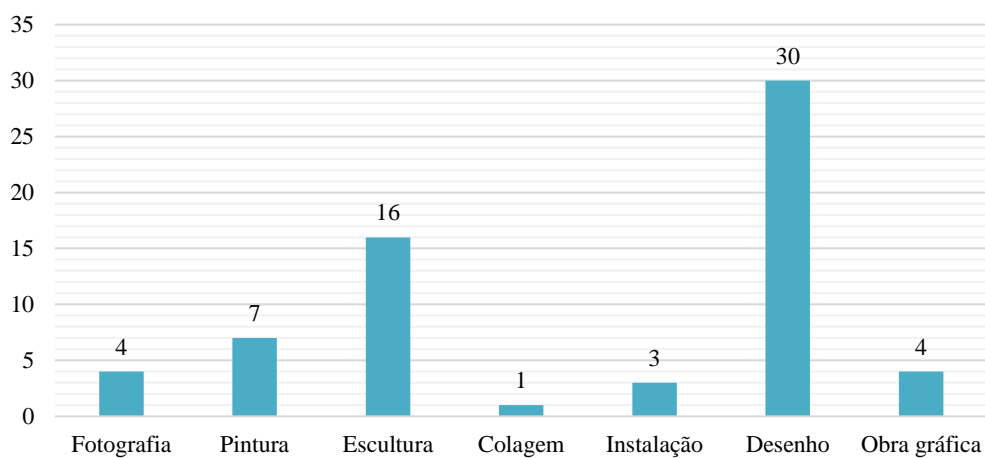


Tabela 3 - Tipologias de Obras de Artistas Estrangeiros

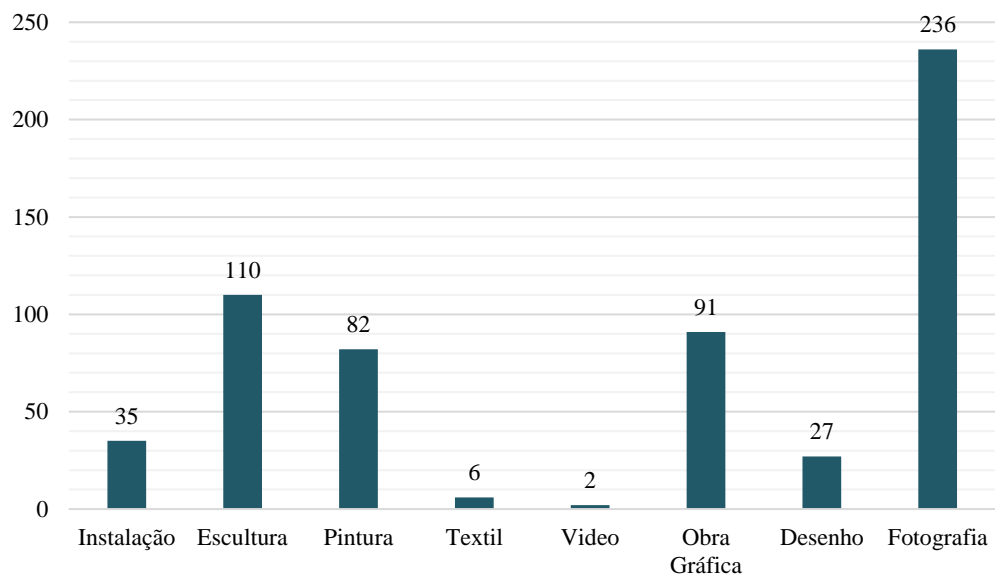


Tabela 4 - Tipologias de Obras de Artistas Portugueses

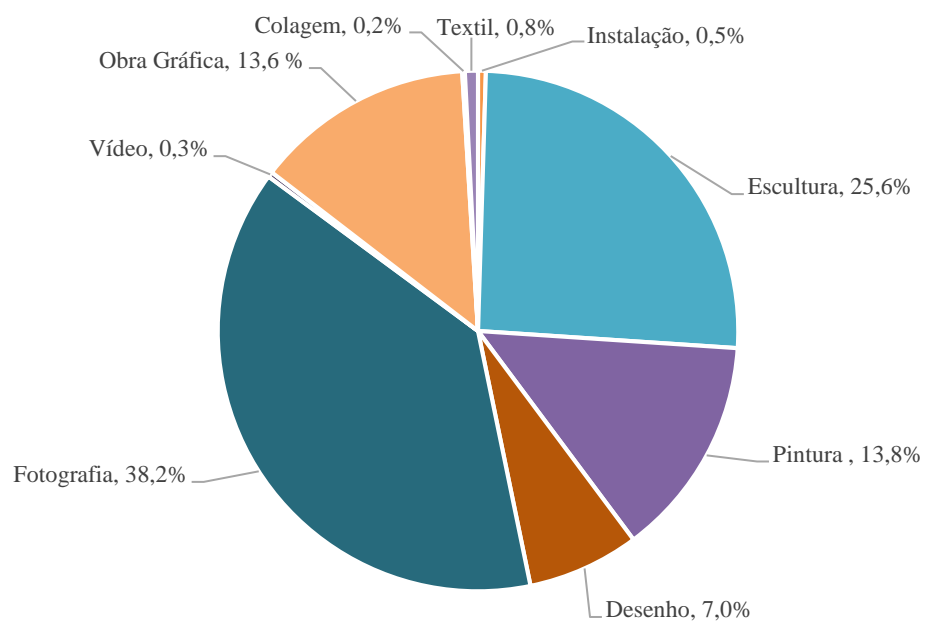


Tabela 5 - Tipologias de Obras por percentagem

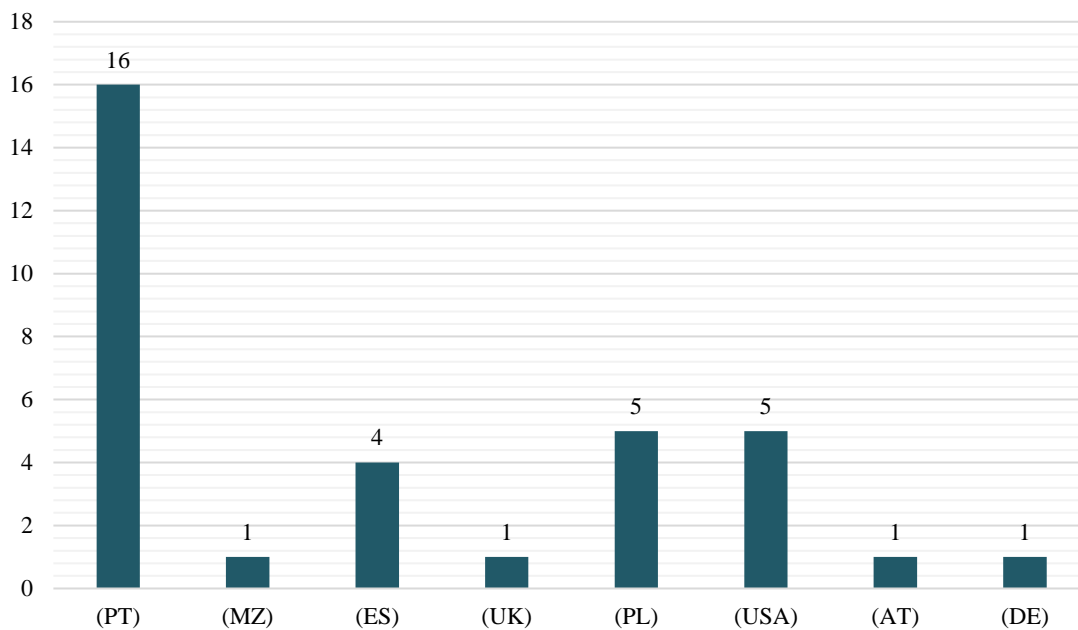


Tabela 6 - Nacionalidades dos artistas da coleção Peter Meeker

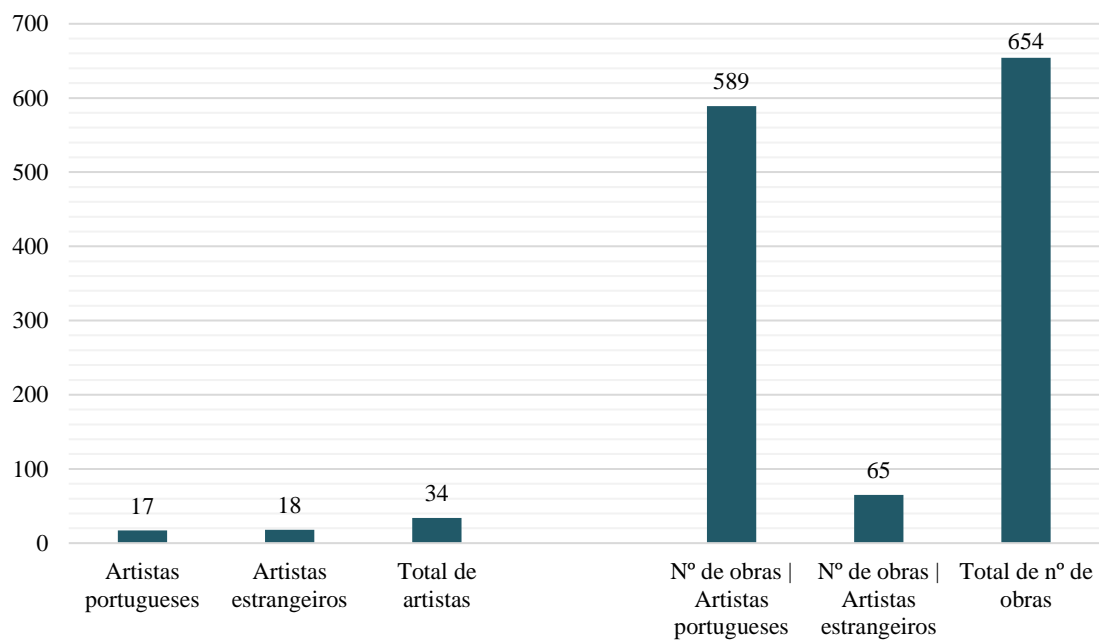


Tabela 7- Número total de Artistas e Obras divididos entre portugueses e estrangeiros

Esta análise tornou-se essencial para apurar o crescimento e as dificuldades inerentes de uma investigação que tem como fim a inventariação das obras de arte da coleção em estudo. Para além deste estudo, foram executados outros gráficos, através de uma metodologia singular de avaliação de cada artista, que permitiu quantificar e investigar a fundo estas informações.

3.6 Avaliação

Competências adquiridas:

- Trabalho em equipa;
- Poder de iniciativa e desenvoltura;
- Aquisição de conhecimentos na área da inventariação;
- Aquisição de competências práticas nos pedidos de orçamentos e sua consequente análise;
- Aquisição de conhecimentos sobre estado de conservação, preservação e segurança das obras;
- Aprendizagem do processo de avaliação quantitativa da Coleção Peter Meeker e interpretação de dados;
- Prática de competências ao nível da tradução.

Aprendizagens adquiridas no Reservatório de Serralves:

- Regras das reservas;
- Cuidados a ter com as obras e o seu armazenamento;
- Materiais a utilizar no embalamento das obras;
- Colocação das sinaléticas nas embalagens das obras.

Dificuldades:

- Gestão do processo de trabalho;
- Dependência de terceiros nas diversas tarefas de inventariação;
- Perdas e ausência de informação dos campos de inventário das obras.

4 Definição de Práticas para a Gestão da Coleção no âmbito das atividades da Casa S. Roque

Como já foi referenciado o estágio assenta numa necessidade de realização de tarefas que focam o lançamento da Casa S. Roque. A coleção, em particular, irá fazer parte da programação deste Centro de Arte e por consequência terá de ser acolhida pelo mesmo. Visto que o edifício não dispõe de um depósito de obras e que estas se encontram em diversos locais, foi essencial a definição de práticas para a gestão da coleção nas diversas atividades futuras. As práticas centram-se num conjunto de documentos elaborados por mim com o auxílio da Dr.^a Leonor Leite, com o objetivo de responder a atividades como:

- Organização de exposições;
- Transporte de obras;
- Catálogos;
- Empréstimos.

A documentação redigida e apresentada no ponto seguinte foi auxiliada de exemplos criados por outras instituições - Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, a Fundação de Serralves ou o Atelier Júlio Pomar. A redação de regras e de documentos-tipo para a gestão da coleção na CSR acrescentou a esta investigação uma preocupação com a conservação das obras e um conjunto de tarefas para a programação da instituição.

Alguns dos Regulamentos e Documentos que irão ser apresentados no ponto seguinte, não se referem a todas as obras, somente aquelas que estão em depósito em propriedades do colecionador e assim à responsabilidade da CSR. As restantes obras que estão ao cuidado de instituições museológicas enquadram-se em protocolos próprios que visam a segurança e regras das mesmas.

4.1 Regulamentos e Documentos Internos

Perante as necessidades mencionadas anteriormente foram criados os seguintes Documentos:

Declaração de Cedência de Imagens: este documento foi concebido para o uso das fotografias das obras da coleção, por exemplo, no website, redes sociais, catálogos e merchandising. A sua redação passa essencialmente por autorizar a CSR a usufruir das imagens de cada obra dos artistas representados na Coleção Peter Meeker, generalizando todas as funcionalidades do uso de imagens e pedindo o seu uso a cada artista.

Guia de Pedido de Empréstimo: a funcionalidade deste guia inicia-se aquando de um pedido de empréstimo de uma ou várias obras por outra instituição. Nesse sentido, o documento criado visa o preenchimento dos seguintes campos: Dados sobre o proprietário e a exposição; Dados da (s) obra (s); Estado de Conservação; Seguro; Transporte.

Condições de Empréstimo: Em anexo ao Guia de Empréstimo, foram redigidas regras de condições de empréstimo da CSR com o enfoque nos seguintes temas: Despesas e responsabilidade; Transportes e Embalagem; Seguro; Exposições itinerárias; Entregas das obras e Relatório de Conservação; Conservação e Segurança; Devolução; Identificação; Fotografias e Fotografias das Exposições. Este documento tem a vantagem de ser ajustado às condições conhecidas de cada instituição aquando do pedido de empréstimo.

Carta de Pedido de Empréstimo: Esta carta visa um pedido de empréstimo de uma ou mais obras a uma instituição. Foi redigida com uma configuração formal e contém todas as informações básicas sobre os dados da (s) obra (s), dados da exposição e algumas necessidades imediatas como datas de montagens, transporte e de entrega.

Relatório de Conservação¹⁴: Este relatório foi criado com o intuito de ser anexado a diversa documentação e permite a leitura do estado de conservação pelo conservador restaurador de uma instituição. Neste caso, o que foi criado visa os seguintes tópicos: Nome do responsável; Data da redação; Motivo de cedência da obra; Informações sobre a obra;

¹⁴ Este documento irá ser criado de acordo com as informações relatadas no programa de inventário sobre o estado de conservação de uma obra.

Estado de conservação numa escala de Muito bom a Mau; Informações sobre danos; Fotografias da obra; Assinaturas de saída e chegada da obra.

Guia de transporte: O Guia criado está inserido automaticamente no programa de gestão de inventário com o intuito de conter as informações necessárias sobre: Expedidor; Destinatário, Datas e local de carga e descarga; Descrição da (s) obra (s). Não se substituindo, evidentemente, ao formulário oficial emitido pela Autoridade Tributária.

Certificado de Autenticidade: Com o intuito de organizar a documentação da coleção, este certificado foi criado para validar as obras que aquando da sua compra não dispunham do mesmo, com um pedido de autenticidade aos artistas.

4.2 Avaliação

Competências adquiridas:

- Trabalho em equipa;
- Poder de iniciativa e desenvoltura;
- Análise de documentos de gestão museológica;
- Pesquisa de documentos referentes à logística de uma coleção de Arte Contemporânea;
- Aquisição de competências relativas à redação de documentos de gestão museológica.

Dificuldades:

- Gestão do processo de trabalho;
- Investigação de documentos tipo relativos às necessidades da CSR;
- Investigação legal da elaboração de documentação museológica.

5 Promoção da Coleção Peter Meeker e da Casa S. Roque

5.1 “Colecionar Arte: Conversas a partir de Coleções Particulares”

Como forma de contextualização, apresenta-se um breve fragmento da conferência, de modo a identificar a sua importância e a sua inclusão no panorama do colecionismo nacional.

O projeto é desenvolvido pelos Amigos do Museu do Chiado¹⁵ em coordenação com o Instituto de História da Arte de Lisboa. Tem a finalidade de convidar colecionadores particulares de arte a apresentarem as escolhas que constroem durante a sua vida ou um período dela. Os testemunhos dão a conhecer as suas motivações e escolhas, gostos estéticos e o relacionamento que têm com as obras. Realça-se também as diversas tendências que o colecionismo nacional vem a adquirir, retirando destas conversas conclusões e estudos que caracterizam, em particular, o setor do Mercado de Arte e o colecionismo na atualidade. A associação pretende “*valorizar a atividade colecionista, criar uma aproximação dos colecionadores com os Amigos e, ainda, apelar a uma participação dinâmica no Museu.*” (Duarte, 2016)¹⁶

No Ciclo de conversas, participaram importantes coleções e projetos de colecionadores privados portugueses. Destacam-se nomes como José Lima, Alberto Caetano, Luís Teixeira de Freitas, Maria e Armando Cabral, Miguel Leal Rios, António Cachola, entre outros, moderados e acompanhados pelas ideias e perguntas de artistas, curadores, professores e distintas personalidades ligadas ao mundo da arte.

Assim, estas conferências contribuem para a divulgação de coleções e do colecionismo nacional provocando uma aproximação ao Museu do Chiado e valorizando as coleções privadas de arte em Portugal.

¹⁵ *Os Amigos do Museu do Chiado* são uma associação que nasceu em 1995 aquando a inauguração do Museu do Chiado. Pretendem dinamizar e aumentar as diversas coleções desta instituição através da aquisição de obras e da valorização do seu espaço que é executada de forma totalmente voluntária pelos membros.

¹⁶ Duarte, Adelaide (2016), *Colecionar arte: Conversas a partir de coleções particulares*, [Consultado a 24 de maio de 2019] Disponível em: <http://journals.openedition.org/midas/1060>

5.2 Apresentação da Coleção e do Projeto no MNAC: Tarefas para a organização da Conversa

No mês de novembro de 2018, foi endereçado um convite pela Professora Adelaide Duarte, em funções de Vice-Presidente dos *Amigos do Museu do Chiado*, ao colecionador Pedro Álvares Ribeiro para integrar o 19º Ciclo de Conversas a realizar no dia 14 de dezembro do mesmo ano.

O convite, considerado prestigiante para a divulgação do Projeto Casa S. Roque – Centro de Arte e da Coleção Peter Meeker, foi aceite e com ele foram solicitadas várias tarefas, quer por parte da organização quer pelo colecionador:

- Pesquisa e elaboração de um breve texto de apresentação da coleção, do projeto e dos intervenientes (coleccionador e artista);
- Realização de um Power Point como base de apresentação da coleção e do projeto;
- Divulgação do evento.

Para a conversa, o colecionador Pedro Álvares Ribeiro convidou para moderador o Artista português José Pedro Croft sendo este uma figura fulcral na coleção.

As tarefas que me foram destacadas estenderam-se às áreas da escrita de textos de apresentação, pesquisa e cooperação na divulgação do evento. Através de várias pesquisas realizadas, desenvolvi as biografias dos convidados, tendo sido enviadas por email e validadas quer pelo colecionador como também pelo artista José Pedro Croft.

A apresentação, em formato Power Point, foi produzida em conformidade com o colecionador, patenteando uma seleção de obras de artistas portugueses e estrangeiros. Foi concebida, também, uma seleção de imagens da Casa S. Roque e do Parque de S. Roque como forma de promoção do projeto.

Estas tarefas foram verificadas e validadas tanto pelos oradores, no sentido de auxiliar as intervenções, como pela Professora Adelaide Duarte.

Concluída a validação de todos os textos e apresentação, procedeu-se ao envio do convite endereçado à Vice-Presidente da associação e a divulgação do evento via email para artistas

da Coleção Peter Meeker, Galeristas, Professores, Colecionadores, Curadores, Comunicação Social e outras entidades.

A 19ª sessão do Ciclo Colecionar Arte contou com a presença de várias figuras do panorama artístico nacional. Este evento foi de elevada importância para o lançamento do projeto Casa S. Roque na medida em que irá ser produzido um livro com todas as conversas realizadas nestes ciclos do MNAC. É essencial realçar a notável adesão e o interesse demonstrado pela audiência, motivando várias questões proferidas no final da conversa sobre a coleção e o projeto Casa S. Roque – Centro de Arte.



a | amigos do museu do chiado

HH | INSTITUTO DE HISTÓRIA DA ARTE

CICLO COLECIONAR ARTE

Conversas a partir de Coleções Particulares
Pedro Álvares Ribeiro e José Pedro Croft

MNAC / 14 de dezembro / 18h30

© Col. PAR

Figura 24 - Imagem do Convite enviado por email pela Associação Amigos do Museu do Chiado



*Figura 25 – Colecionador Pedro Álvares Ribeiro, à esquerda; o Artista José Pedro Croft como moderador da conversa, à direita.
Cortesia da Professora Adelaide Duarte*



*Figura 26 - Público presente na 19ª sessão do Ciclo Colecionar Arte, MC – MNAC.
Cortesia da Professora Adelaide Duarte*

5.3 Avaliação

Competências adquiridas:

- Trabalho em equipa;
- Poder de iniciativa e desenvoltura;
- Aquisição de conhecimentos relativos à organização de uma conferência e preparação do suporte visual que acompanhou o discurso;
- Aquisição de competências na divulgação do evento e gestão personalizada dos convites;
- Aquisição de competências na receção e acolhimento do público, maioritariamente do panorama artístico português, no evento.

Dificuldades:

- Dependência de terceiros nas diversas funções.

6 Conclusão

Neste parâmetro do relatório apresenta-se uma breve síntese das dificuldades encontradas no processo de investigação e estudo, assim como uma avaliação das aptidões adquiridas durante o período de estágio. Será apresentada, também uma seleção de tarefas que poderão ser executadas no futuro e uma reflexão pessoal sobre a aprendizagem retirada desta experiência profissional.

Ao longo do estágio foram sendo encontradas dificuldades, a ausência de informação foi uma delas. Inúmeras obras da coleção estão presentes em catálogos e participaram em exposições, nesses casos foi mais fácil chegar até à informação, mas em outras obras, adquiridas em galerias e ao encargo do colecionador, nunca foram expostas nem catalogadas. Mesmo com as pesquisas bibliográficas e em plataformas online das instituições, não foi possível dispor de uma solução para um conjunto mínimo de obras que durante este processo não obteve inventariação.

Uma outra dificuldade que se liga com a anterior é a perda de informação. Este campo deriva de uma panóplia de situações: a primeira, parte da forma intuitiva de aquisição das obras por parte do colecionador, isto é, para o colecionador a necessidade de ter a obra é o principal, nesse sentido, documentos como guias de transporte ou certificados de autenticidade, na sua maioria, não eram uma prioridade; a segunda é o tempo, a coleção dispõe de obras com mais de 40 anos e na época a reprodução de informação era escassa ou nula, refiro-me por exemplo ao registo fotográfico das obras, hoje tão fácil de executar, mas que na década de 80 implicava mais tempo e meios; por fim a geografia, a consequência das deslocações e mudanças de habitação devido à vida profissional do colecionador fizeram com que algumas obras ficassem depositadas em diferentes locais impossibilitando, para já, a sua observação direta e presencial.

Ultrapassadas algumas destas dificuldades, observou-se uma evolução significativa do trabalho, superando cada etapa e concluindo na maioria dos casos os dados básicos de cada obra. Nesse sentido, foram adquiridos conhecimentos inerentes a vários aspetos. O principal foi conhecer as necessidades da gestão de uma coleção aquando da sua exposição ao público e à responsabilidade de uma instituição. Após o conhecimento dessas necessidades desenvolveram-se outras como a aprendizagem do processo de investigação

de uma obra, quais os meios necessários para a segurança e preservação do inventário e como se cria um inventário de raiz.

O inventário é uma base de dados que deve estar segura e conter o historial e percurso de cada obra, nesse sentido o meu estudo e trabalho neste estágio tiveram esse objetivo. Contudo, ficaram algumas tarefas por realizar como o contacto com as galerias internacionais para obter mais informação sobre as peças e a visita ao armazém privado do colecionador para verificar dados, estado de conservação das obras, embalar e etiquetá-las. Estes procedimentos poderão ser os próximos passos para a continuação do trabalho de investigação e preservação desta coleção.

Em suma, o trabalho de gestão e preservação de uma coleção de arte é como muitos outros um trabalho que não é visível ao público, mas que exige minúcia, perseverança e muita organização. Desta forma, agarrei todas as tarefas apresentadas neste relatório. Contudo é necessário sublinhar que este trabalho de investigação esteve dependente, em todo o processo, de muitas pessoas e ultrapassar essa barreira foi um dos maiores desafios. Mesmo assim, as entidades de quem o meu trabalho dependia auxiliaram-me de forma a conseguir apresentá-lo e a implementar aprendizagens retiradas do Mestrado em Estudos Artísticos, transcrevendo-as para um contexto profissional.

7 Bibliografia

Almeida, José. Cachola, António. Sardo, Delfim (2012) Coleção António Cachola: Museu de Arte Contemporânea de Elvas, Elvas, MACE.

Adresen, Teresa. Portela, Teresa Marques (2001), Jardins Históricos do Porto, Lisboa, Edições Inapa.

Desvalées, André. Mairesse, François (ed) (2013) Conceitos Chave de Museologia: ICOM, Armand Colin.

Duarte, Adelaide (2016), Colecionar arte: Conversas a partir de coleções particulares, [Consultado a 24 de maio de 2019] Disponível em: <http://journals.openedition.org/midas/1060>

Elsa Garret. Freitas, Inês da Cunha (2000) Normas Gerais de Inventário: Artes Plásticas e Artes Decorativas, Instituto dos Museus e da Conservação.

Fundação Leal Rios (2012) Apresentação & Objetivos [Consultado a 22 de abril de 2019] Disponível em: http://www.lealriosfoundation.com/html/About/FLR_About_pt.html

Gnyp, Marta (2015), The art world of cosmopolitan collectors: In relation to mediators, institutions and producers, Amsterdam School for Heritage and Memory Studies, Amesterdão.

Lei - Quadro dos Museus Portugueses nº 47/2004 do Artigo 16.º

Lucas, Isabel (2017) Coleção de Julião Sarmiento num novo centro de arte em Lisboa in Público [Consultado a 22 de abril de 2019] Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/05/27/culturaipsilon/noticia/colecao-de-juliao-sarmiento-num-novo-centro-de-arte-em-lisboa-1773665>

Lindmann, Adam (2006) Collecting Contemporary Art, Köln, Tachen.

Querioz, Manuel (2014) O colecionador curioso in Diário de Notícias. [Consultado a 22 de abril de 2019] Disponível em: <https://www.dn.pt/revistas/nm/interior/o-colecionador-curioso-3497205.html>

8 Anexos

8.1 Entrevista ao Colecionador Pedro Álvares Ribeiro

Começo por lhe perguntar, como surgiu o gosto pelo colecionismo? Quando começa a colecionar e quais as primeiras peças que adquiriu?

Sou português, a minha mãe é inglesa e estudei no Colégio Inglês. Na minha família tive quem me inspirasse no gosto pelas artes e também pela poesia, mas o colecionismo é um gosto muito pessoal. Giorgio Vasari, Gombrich, Herbert Read, foram grandes inspirações. Por outro lado, também gosto imenso de visitar museus. Sempre que vou às principais cidades que visito, normalmente percorro sempre os mesmos museus: em Nova Iorque o Metropolitan, o Frick Collection e o MoMA; em Paris o Louvre, o Musée de Cluny e o Atelier Brancusi; em Londres o British Museum, o National Gallery e o Victoria and Albert Museum; no Vaticano em Roma o Vatican; e em Lisboa o Museu Gulbenkian. Quando visitamos muitas vezes os melhores museus do mundo, quando gostamos de arte, estas visitas ajudam-nos a gostar cada vez mais. Tenho realmente uma paixão profunda por obras de arte.

Existem cidades como Florença, Urbino, Arezzo, que são realmente locais fundamentais para mim e artistas como Piero della Francesca, Brancusi que são artistas que me inspiram. Tenho um gosto enorme por música, particularmente por Bach, Giovanni Gabrieli, Monteverdi e pela polifonia portuguesa dos séculos XVI e XVII.

As primeiras obras que comprei foram um Croft e um Cabrita Reis e como a maior parte das obras que eu adquiri nessa altura ainda estão na coleção.

Nesse início, houve alguma exposição ou alguma pessoa que o tenha, particularmente, influenciado e que, de certa forma, marcou, também o início da coleção?

Houve sempre um interesse, um gosto, uma força quase interior que me puxava muito para as artes e o facto de poder visitar os melhores museus do mundo, aprofundou muito esse gosto e de alguma forma essa sensibilidade pelas artes e pelas leituras, por isso falei-lhe dos grandes clássicos. Na história de arte o Giorgio Vasari, uma escola anglo-saxónica muito importante como a do Herbert Read, Kenneth Clark nomeadamente o programa que ele fez,

o “Civilization”, e o “The Story of Art” do Gombrich. Eu diria que foram fortíssimas influências, embora na minha família, como referi, tive quem me inspirasse nas artes plásticas e na literatura.

Mas existe uma exposição, em particular, que o tenha marcado?

Os melhores museus do mundo foram sempre para mim uma fonte de inspiração enorme. Por exemplo, quando visitamos o Metropolitan temos o departamento de Arte Africana que é talvez a melhor coleção do mundo que podemos visitar num só espaço. Quando visitamos um museu com uma escala mais humana como o Frick Collection, onde podemos ver obras do Piero della Francesca e do Rambrandt, é natural que se o fazemos regularmente ficamos cada vez mais interessados e com uma sensibilidade artística mais apurada. De alguma forma na fase inicial foram muito os museus e as leituras que eu referi que me ajudaram a ganhar o conhecimento verdadeiramente forte no mundo da arte.

Sei que por motivos profissionais viveu em várias cidades europeias (Londres, Madrid, Varsóvia). De que forma esse período da sua vida marcou a Coleção Peter Meeker?

Primeiro, talvez será melhor explicar o que é para mim o ato de colecionar. No fundo para mim é descobrir, é procurar, é perguntar, às vezes é interrogarmo-nos, é compreender. É um caminho muito solitário. Conhecemos pessoas únicas e aí posso realçar que o centro de tudo o que eu faço são os artistas. Aliás a própria coleção apesar de ter mais de 500 obras, tem um número relativamente limitado de artistas, cerca de 30, portanto há realmente um enfoque muito grande nos artistas.

Voltando ao ato de colecionar, para mim, é descobrir o mundo e o mundo descobre-se percorrendo e encontrando. O mais importante é o artista, e o verdadeiro artista é aquele em que a obra vai à sua frente. Digamos que existe uma relação mais forte com os artistas desses países na minha coleção, o que é natural.

Todos nós somos o fruto das nossas experiências de vida, das nossas circunstâncias por isso é normal que tenha na coleção mais artistas portugueses. Há também uma realidade

universal, por isso, não me revejo numa coleção só de artistas português. Na coleção tenho artistas dos outros países onde vivi como Espanha e Polónia, mas também de países onde não vivi o que é natural. O gosto é uma realidade universal como a arte, não faria sentido que fosse de outra forma.

Numa perspetiva do Mercado de Arte, gostaria de lhe perguntar onde adquire preferencialmente as obras da sua coleção?

Para mim as galerias são muito importantes porque fazem parte do mercado obviamente, mas o centro do mercado são os artistas. No caso da minha coleção essa é a realidade mais marcante, mas as galerias também são muito relevantes, porque sem galerias de facto o mercado não funcionaria da mesma forma. No fundo há todo um conjunto de galeristas que me ajudaram muito no meu percurso de descoberta, de compreensão dos artistas e que sigo com mais atenção, nomeadamente: o Luís Serpa, dos Cómicos, o Mário Teixeira da Silva, o Pedro Oliveira, a Juana de Aizpuru, em Espanha, o Andrzej Przywara, na Polónia foram galeristas que pela proximidade pela sua relação, pela forma profissional como trabalhavam os seus artistas claramente tiveram um papel muito importante no meu percurso, embora todas as minhas decisões de compra fossem sempre muito solitárias, um caminho muito individual, esse diálogo e a proximidade foi importante e não há duvida que os galeristas que eu referi tiveram um papel muito relevante quer nos anos 80, quer nos anos 90, quer nas últimas décadas nos países onde trabalho.

Falando dos artistas, já referiu que tem um número limitado de artistas na sua coleção e por isso uma das características mais relevantes da Coleção Peter Meeker são os consistentes núcleos de obras de artistas como: Ana Jotta, José Pedro Croft, Pedro Cabrita Reis, Paulo Nozolino, Rui Chafes, estes artistas portugueses, mas também Pepe Espaliú, Wilhelm Sasnal, Monika Sosnowska, Mirosław Balka. Existem colecionadores que preferem ter mais artistas que obras nas suas coleções privadas. Porque é que optou pelo contrário? Porque é que colecciona estes artistas em particular?

Quando nos interessamos, e o interesse também tem uma forte carga emocional, na obra do artista, a partir daí é um caminho que não termina e por isso achei que era muito mais interessante contrariamente a muitas outras coleções. Obviamente é um caminho que o colecionador escolhe, mas era muito mais interessante ter o artista como centro da coleção e ir ao fundo no conhecimento desse artista.

É interessante conhecer e descobrir a fundo a obra de um artista e por outro lado descobrir novas realidades. Um artista tem várias fases e é estimulante acompanhar essa evolução. Por exemplo quando o Croft começou a fazer bronzes algumas pessoas não apreciavam, ele fazia esculturas em pedra, os empilhamentos, eram realmente obras marcantes, foi uma mudança forte, mas eu devo dizer que pessoalmente, fiquei verdadeiramente atraído pelos bronzes. É aliciante acompanharmos a evolução do artista, obviamente que a evolução é sempre diferente e é de alguma forma imprevisível, mas é de alguma forma o que torna mais fascinante o seu trabalho, porque o artista evolui como nós colecionadores evoluímos, temos mais conhecimentos. Nesse sentido, achei que seria muito estimulante fazer uma coleção de artistas. E atualmente, a coleção é uma coleção de artistas onde é quase possível percorrer, na coleção, o caminho artístico de muitos deles.

Então é esse o critério que segue para as escolhas das suas obras, os artistas?

Exatamente, não tenho nenhum critério em relação ao meio que o artista escolhe. Acontece que os artistas da minha coleção, de quem gosto muito, tendem a fazer mais escultura e fotografia, mas verdadeiramente o ponto de ligação é sempre o mesmo, o interesse que tenho à sua arte e que em regra mantenho ao longo destas décadas. É isso que mantém a coleção diferente. Devo dizer que aprendo muito com os artistas. Tenho atualmente uma relação próxima com eles, no início não tinha, foi a obra que me levou a querer conhece-los cada vez mais e essa ligação também é muito importante.

Falou na escultura e na fotografia. Na sua coleção, verifica-se um número muito significativo destas duas tipologias e não de pintura ou instalação por exemplo, isso significa algum interesse particular por estas tipologias?

Não, a minha ligação desde o início, e com o tempo sempre foi muito reforçada e é com o artista.

Mas tem esculturas de grandes dimensões, não tem problemas em adquirir obras de grande escala?

Não, quando pensamos numa obra por exemplo do Croft, do Cabrita Reis, do Balka, do Pepe Espaliu, curiosamente também fazem escultura de pequeno formato. Por exemplo, tenho obras da série “Santos” do Pepe Espaliu e obras de grande formato como a série “Carrying” que tem uma força enorme. Não tem a ver com a escala, tem a ver com a obra em si que realmente me marca muito. O mesmo acontece em relação ao Cabrita Reis ou ao Croft, quer os bronzes mais pequenos quer as esculturas maiores são obras que me marcam muito, porque quando as analisamos ao fim de muitas décadas sentimos que elas continuam a ter a mesma vitalidade que tinham no início. Isso é umas das formas que temos de aferir a qualidade de uma obra e a sua vitalidade e isso não tem a ver com a escala. Do Cabrita Reis tenho obras relativamente pequenas como a “Casa no céu”. É uma obra relativamente pequena com uma força plástica enorme que ainda hoje mantém a mesma vitalidade que tinha quando a adquiri, já lá vão 30 anos, ou uma outra obra maior como a “Casa da Paixão e do Pensamento”. Estes três artistas e o Mirosław Balka fazem da escultura a realidade mais marcante na sua obra e por isso, penso que na coleção existem mais de 150 esculturas.

Falando dos depósitos das obras, a maior percentagem da sua coleção está em Serralves, pode explicar porquê?

Uma grande parte da coleção está em Serralves porque efetivamente há uma relação espacial com Serralves, que é natural, é a minha cidade, é a cidade onde vivi grande parte da minha vida, onde vivo hoje. É o espaço de Arte Contemporânea mais relevante em Portugal e tive sempre uma relação muito próxima com Serralves e os seus diretores artísticos. Por outro lado, existem obras depositadas em outros espaços, nomeadamente no norte da Europa onde vivi devido ao meu percurso de vida. Pode ser que um dia as obras se encontrem, mas uma coleção não é mais ou menos interessante por as suas obras não

estarem todas no mesmo espaço. Em relação a Serralves, claramente que há uma afinidade muito grande, é um espaço que eu acompanhei desde o início, é natural que uma parte importante da coleção esteja depositada em Serralves.

Mas julgo que também existe uma preocupação em conservar e preservar as obras...

Sem dúvida alguma. Eu acho que um dos grandes desafios para um colecionador de arte é sobretudo quando tem obras que têm de ser bem cuidadas e acompanhadas, porque precisam de ser preservadas. Uma obra que esteja depositada em Serralves é seguramente bem cuidada, bem acompanhada e isso é algo que nos tranquiliza. E nesse sentido, que este depósito foi uma boa escolha.

Para finalizar, está prestes a abrir um Centro de Arte Contemporânea na cidade do Porto. O que podemos esperar deste projeto ao nível cultural, artístico e social? De que forma a Coleção Peter Meeker pode evoluir com o novo Centro de Arte?

O Nicholas Serota dizia que “a alma ou o coração do museu é a sua coleção”, eu acho que é o ponto de partida. Mas neste caso independentemente da ideia ter nascido de uma pessoa, é um projeto para a cidade do Porto para o Porto e para o Mundo. Ou seja, é um projeto que tem intensão de se afirmar como uma realidade relevante na cidade. Existe um ponto de partida que é a coleção, um espaço, uma casa única com a sua história, o jardim e uma zona da cidade que é pouco conhecida. Nesse sentido, acredito que vai ser uma realidade que irá marcar a cidade, com uma ambição em termos qualitativos de uma programação que irá dialogar com a cidade. Este é um projeto e trabalho de equipa que vai conseguir criar uma marca numa cidade em que a cultura é uma realidade muito marcante.

Dou dois exemplos muito óbvios que há uns anos não existiam e que hoje são marcas da cultura da cidade, Serralves e a Casa da Música. A cidade será muito mais rica se tiver novas marcas, mas acho que também é importante que essas novas marcas possam surgir da sociedade civil, ou seja, os particulares podem dar o seu contributo e é isso que vamos fazer na cidade. Existe um enquadramento na sua liderança que é propício à realização destes espaços. O Porto é uma cidade cosmopolita e aberta ao mundo. Certamente a vontade e a

ambição que temos vão nos permitir criar uma realidade única e marcante para todos os que nos visitam.

Entrevista editada e estruturada por Ana Rita Alves, com a aprovação do colecionador Pedro Álvares Ribeiro.

Porto, 2019

8.2 Exemplos de Ficha de Inventário e Ficha com a Base de Dados dos Artistas no Programa de Gestão de Inventário – WebXperience, Lda

Os exemplos apresentados, neste anexo, foram realizados num período de testes do Programa, por esse motivo existem alguns campos que não se encontram finalizados, nesse sentido apresenta-se o propósito do trabalho relatado no ponto 3.4 deste documento.

Coleção Peter Meeker

Home Work Selection Lists Entity File Management Settings User: Teste

Editar Obra

Guardar Cancel Selecionar Foto Principal Previsualizar Foto Principal Print

Inventory Number: PM M. BAL 0322 Loan Status: Available

Available: Yes No

Artist: Miroslaw Balka

Title (PT): Dueme bien, Luiz
Title (EN): Dueme bien, Luiz

Year: 2001 Edition (PT): Edition (EN):

Work Type: Instalação | Installation Certificate:

Conservation State: Good
Notes about conservation state:

Photos Documents Histórico de Feiras Bibliography Hi

Date of Entry: 07/06/2019 Provenance: Galeria Juana de Aizpuru (Spain)

Acquisition Price: 0,00 €

Supplier Type: Artist Other supplier Supplier:

Insurance Value: Custos de Produção:

Purchase Notes:

Texto da Folha de Consignação:
Observações: O(s) trabalho(s) acima referidos ficaram à consignação nesta galeria, e no caso de ser(em) vendido(s) 50% reverterá a favor da mesma.

Technique (PT): Madeira revestida com sabão
Technique (EN): Soap -coated wood

Dimensions (PT): Dimensões variáveis
Dimensions (EN): Variable dimensions

Location: Serralves
Notes about the location: Deposito Serralves (2014) - PM 0282


Figura 27- Ficha de inventário do Programa de Gestão de Inventário da Webxperience, Lda

Neste anexo, apresenta-se, ainda, o resultado e o objetivo da tarefa exposta no campo 3.1.

Editar Artista

Save Cancel Import Select Photo

Active: Yes No Collection Artist: Yes No Last Purchase: 10/06/2019



Name: Miroslaw Balka

Birth Year: 16.12.1958 Nationality: Polish Tax ID:

Main Contacts Alternative Contacts Curriculum (PT) Cu

Address:

Postal Code: City: Warsaw

Country: Poland

Mobile Phone: Phone: Fax:

Email: studio@miroslaw-balka.com Site: www.miroslaw-balka.com

Figura 28 - Ficha de informações sobre os artistas da Coleção PM: Programa Gestão de Inventário